

PREÂMBULO

Neurose sob o prisma espiritual

A ansiedade e o medo são estados emocionais inconsistentes liberados, muitas vezes, como processos e defesa ante inimigos inexistentes ou circunstanciais. São substratos da neurose com manifestação ou exteriorização de sentimentos culposos, associados a imagens oriundas do estado inconsistente (id).

Exarcebam-se tais estados por força do desgate do organismo (afrouxamento dos laços entre o corpo e o espírito, em função de doenças, sequestro, etc.) com emersão de lembranças do passado delituoso, exteriorizando-se recordações pretéritas latentes ou profundas.

Tendências de tristeza, desânimo, carência afetiva, instabilidade emocional e mental são características da neurose com repercussão e interrelacionamento social (ex: isolamento, indiferença, agressividade, complacência) ou de sintomatologia orgânica (depressão, fobias, inibições).

O homem "normal" seria o equilibrado, o amistoso, o solidário... Já o neurótico, como processo perturbador das relações humanas, leva seu portador a evitar contatos, a não confiar, à inadaptabilidade...

O caráter neurótico provém da acumulação de erros consequentes de vidas pretéritas da criação de impulsos e práticas enfermigas, que acabam se tornando compulsivas, podendo variar de intensidade e manifestação. Estes (impulsos) são descritivos e às vezes imperceptíveis (ex.: pessoas portadoras de fobias, aversões, etc.) e que levam aparentemente, vida normal – são bons chefes de família, pessoas agradáveis, etc.

O neurótico, bem como o psicótico, são, à luz espiritual, doentes, levados a tal condição por circunstâncias pessoais como ambição, estilos de vida, padrão anômalo de comportamento, resultantes/sobreviventes de desequilíbrios morais pretéritos. Não são, pois, vítimas inocentes da formação familiar, da sociedade ou de agentes unicamente externos.

O estado neurótico é condição conflitiva permanente do espírito, na qual seu portador leva existência de inadaptação social ou mesmo íntima, de fracasso, de ansiedade perene, numa interminável e inexplicável luta contra o meio e consigo mesmo. Pode se transformar num quadro mais agudo, de angústia, levando a alterações explosivas da personalidade, a desequilíbrios emocionais incontroláveis e com fortes reflexos pessoais e sociais (agressividade e violência explícitas, crises e enfermidades, suicídios, etc.).

O neurótico é um fingidor, um ator que busca manter sua aparência de superioridade falsa, encenada, quando não ridícula, porém, para se adequar aos padrões sociais aceitos. Pessoas tediosas, desconfiadas, medrosas, improdutivas, que clamam por autopiedade, queixas convulsivas, egocêntricas, portadoras de impulsos emocionais não ajustados psicologicamente ao ambiente social.

Neurose de angústia - caracteriza-se por ansiedade permanente, tediosa, penosa, um estado emocional de aflição contínua.

Neurose fóbica – a ansiedade localiza-se e direciona-se para um objeto de situação, levando a um estado ilógico, medo de estranhos, de sair à rua, etc.

Neurose obsessiva – idéias fixas e atos rituais (lavar as mãos, estar cercado de inimigos, etc.).

Mente vigorosa, coração às vezes raquítico. A neurose: uma forma de carência evolutivo-moral ou afetiva. Exige reeducação mental, autorreforma ou reforma íntima, a prática evangélica do Bem.

O auxílio externo é valiosíssimo, mas o desajustado necessita se reeducar e se aprimorar internamente.

O conto

“O Chefe das Relações Públicas, um jovem de baixa estatura, atarracado, sorriso e olhos extremamente brilhantes, ajeitou o nó da gravata vermelha e bateu de leve na porta do Secretário do Bem-Estar Público e Privado”, É com essa quase tensão debochada que Lygia Fagundes Telles abre “Seminário dos Ratos”, conto de livro homônimo publicado em 1970. Confira, nesta edição do Boletim, uma análise completa da “crítica dilacerante às elites e aos gestores públicos do país”.

Pág. 4

São-Tiaguenses notáveis



“Noé José de Castro nasceu no Sítio “Boa Vista”, a seis quilômetros da cidade de São Tiago, num domingo, à 1 hora da madrugada, do dia 15 de novembro de 1953. Teve dois irmãos: Carlita Maria de Castro e José Leles de Castro. Com o apoio de sua mãe, adotou ainda três crianças como pai-irmão: Maria Aparecida da Silva Reis, João Ferreira de Jesus e Helena Marques de Castro”.

Pág. 6

Lira Sexagenária

A longevidade afinada da Lira da Imaculada Conceição é tema de texto especial no nosso boletim. Fundada em Dezembro de 1963 pelo Monsenhor Francisco Elói, a banda é patrimônio são-tiaguense formando a trilha sonora da História e do dia a dia locais. Nas procissões, na praça, nas festas, no coração de quem a ouve.

Pág. 12

Sustenido, o cãozinho

“Atualmente o Pop Star entre os cães de rua da cidade chama-se Sustenido. Sustenido como o símbolo na pauta de música que lembra o ‘Jogo da Velha’ graças à imensa criatividade daquele que o batizou com esse apelido. Este vira-lata doce, meigo, caramelo e cinza provavelmente híbrido, é famoso e constantemente monitorado por uma rede daqueles que se preocupam com os animais”.

Pág. 13

ADIVINHAS

- 1- Por que é que as pessoas que fazem previsão de tempo são tão distraídas?
- 2- Como é que o homem invisível chama seus parentes?
- 3- Quem é a filha da Diva?
- 4- Até onde ia a força de Sansão?

Respostas: 1- Porque vivem com a cabeça nas nuvens;
2- Transparentes; 3- Adivinha; 4- Dalila.

Provérbios e Adágios

- A terra onde fores ter, faz o que vieres fazer.
- Mulher, jogo e vinho fazem errar o caminho.
- A bigorna dura mais que o martelo.
- O prometido é devido.
- O que não mata engorda.

Para refletir

- Se uma grande pedra atravessa no caminho e vinte pessoas querem passar, não o conseguirão se, uma por uma procuram removê-la individualmente. Mas, se as vinte pessoas se unem e fazem força ao mesmo tempo, sob a orientação de um deles, conseguirão solidariamente afastar a pedra e abrir caminho para todos. (Pe. Theodor Amstad).
- Seja fiel nas pequenas coisas, porque é nelas que mora sua força. (Madre Tereza de Calcutá).
- As novas tecnologias nunca vêm sozinhas. É um pacote: mudanças tecnológicas seguidas de mudanças sociais, políticas e culturais. (Alvin Toffer – A terceira onda)
- A maior vitória pertence àquele que vence sem desembainhar a espada (Sun Tzu).

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.
 Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.
 Coordenação: Ana Clara de Paula
 Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.
 Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula
 Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo
 Jornalista Responsável:
 Marcus Santiago – MTB 19.262/MG
 E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Realização:



Apoio:



AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Cairu Membro do IHGST

Maravilha o preâmbulo do Boletim Sabores e Saberes de outubro/2023.

Ali está tudo que se pode falar e esperar das Instituições que movimentam, enriquecem e dinamizam a sociedade.

Matéria importantíssima para que os detentores do Poder Público entendam e valorizem esses grupos que atuam nas comunidades, auxiliando e realizando atividades diversas, todas elas contribuindo para a dinâmica da sociedade nos mais diversos setores.

Imaginemos São Tiago, nossa terra, sem a APAE, Albergue, Hospital, Rotary, Instituto Histórico, Agroambiental, Liga de Desportos, FOCEST. Essas Instituições são braços fortes da Prefeitura, da Câmara Municipal, do Estado, do País, auxiliando no bem-estar e na cultura de todos nós. Por isso, toda subvenção que vêm do poder público é benéfica à vida das pessoas, permitindo-lhes inclusão, participação, prazer, lazer, assistência social, conhecimento, cultura, preservação de bens históricos e muito mais.

Daí valorizarmos nossas Instituições, apoiá-las, participar de suas assembleias, colaborar integrando suas diretorias, acompanhá-las, fiscalizando suas ações e suas contas.

Os seus dirigentes são pessoas abnegadas, dedicadas, desprendidas que dispõem de seu tempo para colaborar com a comunidade e socomos todos beneficiados por estas nossas respeitáveis Instituições.

Muito oportuna a matéria do Sabores e Saberes.

Que as autoridades públicas a assimilem e nós todos.

AO PÉ DA FOGUEIRA

O EMPRESÁRIO OBCECADO POR NÚMEROS

“Espreme-se tanto que sai entre os dedos” (provérbio popular)

Final de semana, instalado na fazenda do velho amigo, companheiro de longas décadas de trabalho em renomada empresa estatal de investimentos, o hóspede espanta-se com a movimentação e diversificação da propriedade: vastas lavouras de milho e cana, cafezais extensos, cultivo de frutas tropicais, refinado plantel de gado leiteiro. Uma azáfama, uma agitação incomum permeavam o dia a dia da fazenda – tratores, colheitadeiras, caminhonetes, carretas, num vaivém contínuo, transportando de tudo: madeiras, cargas de café, cana, silagem, sacarias de rações, fertilizantes, gente. Todos os veículos com a pomposa logomarca da propriedade; funcionários, às dúzias, uniformizados.

O proprietário era homem de reconhecido saber, largo currículo acadêmico, especialista nos quesitos de economia e engenharia ambiental, com graduações no exterior nas mais abalizadas universidades europeias, asiáticas e americanas; consultor de vários organismos nacionais e internacionais nas áreas de desertificação, irrigação e reflorestamento. Com inúmeros investimentos na capital e interior, chamado por muitos de “matemático”, dado o seu vício de sempre andar e manusear habilmente HP, Ipad, notebook, com os quais, a todo instante, processava infundáveis e ininteligíveis cálculos ou operações. Tudo ali na ponta do lápis ou melhor a toque de mouse. Na propriedade, tudo era minuciosamente medido, calculado, avaliado, fossem ações de custeio, investimento, plantio, acompanhamento da produção, comercialização, beneficiamentos, exigindo quilométricas planilhas, relatórios, gráficos... Qualquer falha ou perspectiva de algum prejuízo, era aquela bronca, dedicando-se o refinado doutor, período integral, em suas infundáveis atividades de campo e computação, com pouco ou nenhum tempo destinado a ciceronear eventuais hóspedes e dar atenção aos próprios familiares. Apegava-se, ademais, a vigiar tudo e todos, visual e eletronicamente, no período em que permanecia na fazenda, oportunidade em que funcionários ficavam uma seda, fazendo-se de bons moços, fingindo dar o duro!

O que passou a intrigar o hóspede era a presença de um caminhão descaracterizado, já em considerável uso, prá lá, prá cá, um estranho no ninho, pois não trazia estampada a logomarca da propriedade, além do condutor – que ficara sabendo ser um empresário bem-sucedido na cidade vizinha, por apelido Kong – vestido com roupas comuns, desses macacões de operário, aliás sobejamente descorado e desasseado, sem quaisquer inscrições ou referências à fazenda.

Em conversas reservadas com os familiares do proprietário, fora informado de que, embora todo aquele colossal movimento, mobilizando intensos serviços, a fazenda amargava prejuízos, à época, da ordem de R\$ 25 a 30 mil mensais, acobertados com recursos vindos dos altíssimos salários do empresário e esposa – esta também alta funcionária pública, com dois ou três cargos acumulados, cujo pai era homem vinculado a tribunais superiores, todo mundo dependurado nas minas e tetas do Estado, o que surpreendeu assustadoramente o hóspede. À noite comenta com o anfitrião:

- Este caminhoneiro, o Kong, o que faz ele durante o dia?

- Puxa moirões, café para secagem nos terreiros, cana para o engenho de cachaça, transporta gente, todo tipo de serviço... Fica à disposição... Pau para toda obra...

- Há quanto tempo ele faz isso?

- Há uns nove, dez anos...

- Quanto é a diária do caminhão?

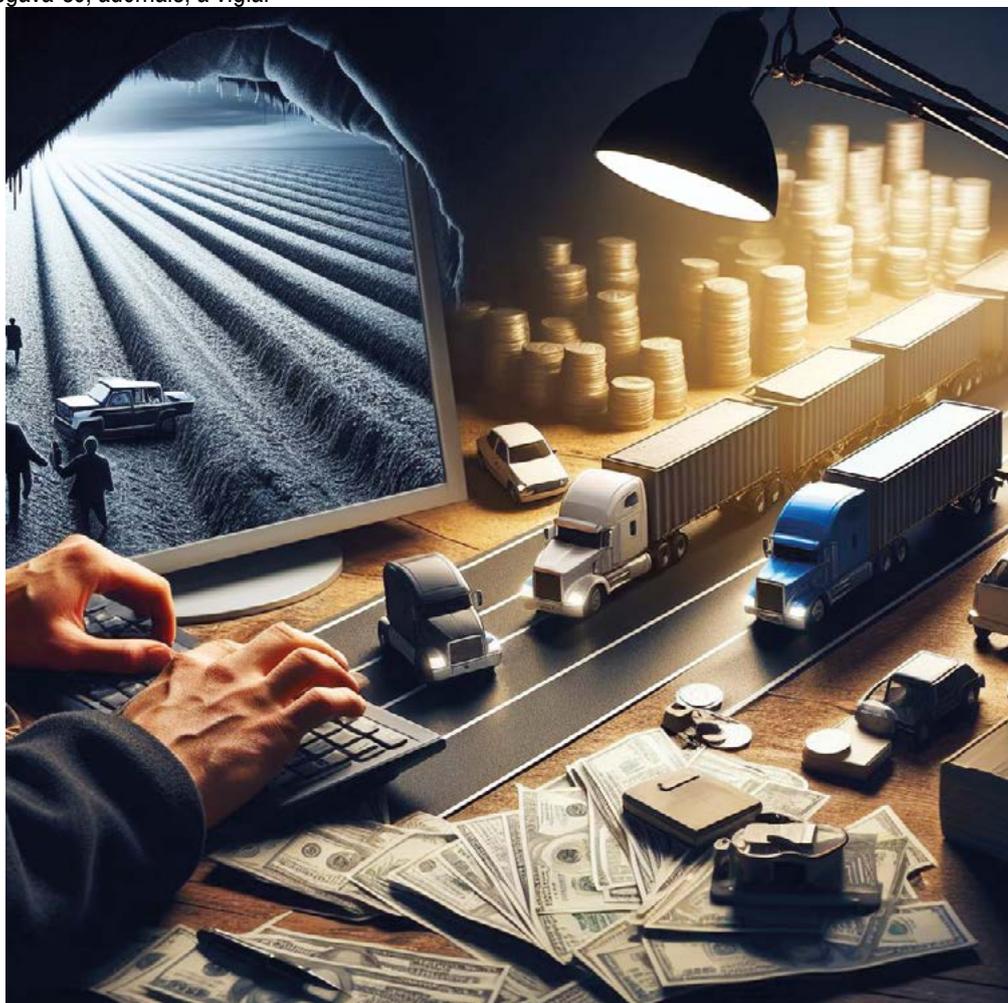
- Ah, sai na base de quinhentos reais...

- Mas, com esse valor acumulado ao longo de meses, anos, você já teria comprado, no mínimo, uma dezena de caminhões...

Aboletando-se ao Ipad e HP, o proprietário fez inúmeras, elásticas operações, elaborou planilhas, esclarecendo: - Dado o custo Brasil, despesas com combustível e oficina, seguros, mão de obra, importações de sindicato e do ministério público do trabalho, é muitíssimo mais viável terceirizar os fretes...

Desnecessário dizer que a vistosa e operosa propriedade viria a ser desativada, alguns anos após. Apurou-se depois (ou melhor já era de conhecimento geral) os intensos desvios e fraudes nos silos e armazéns promovidos pelo feitor, motorista e outros funcionários, além da ociosidade e baixa produtividade tão comuns em meios locais. Malandragem e rapinagem explícitas. O motorista tornar-se-ia proprietário de imóveis, frotas de caminhões, fazendas, enquanto o feitor, peão que fora ali admitido, anos atrás, com uma mão na frente e outra atrás, mudara-se para outras bandas, onde adquirira enorme e valiosíssima propriedade...

Desgostoso, o matemático não teve outra opção senão vender o que sobrara da outrora produtiva fazenda! Números e mais números, suor e mais suores, homem de títulos e mais títulos, tudo simplesmente escoou pelos dedos, ou melhor, por fraudes e inadequada gestão...



CONTO “SEMINÁRIO DOS RATOS” - UMA DILACERANTE CRÍTICA ÀS ELITES E AOS GESTORES PÚBLICOS DO PAÍS

O conto “Seminário dos Ratos”, de Lygia Fagundes Telles (1923-2022) publicado em 1970, é uma contundente e avassaladora crítica às elites, aos burocratas, autocratas e ditadores. Escrito em terceira pessoa, narrador onisciente, a história se passa numa pomposa casa de campo, onde se acham reunidos os chefes de diversos departamentos governamentais e ainda autoridades de outros países, a fim de discutir a ameaçadora situação dos ratos. Uma convenção de altíssimo nível destinada a avaliar/decidir como eliminar os ratos que tomaram conta das cidades e da ...sociedade! E cujo ambiente, ironicamente, seria invadido por ratos... Na verdade, uma ambivalência, uma polissemia, pois todos são, em suma, ratos!

Os ratos invadindo/destruindo o local da convenção, eis uma alegoria de que somente ratos em grande quantidade seriam capazes de derrotar as ratazanas asquerosas e irrefreáveis que se acham no poder⁽¹⁾. As atrocidades existentes, de há muito, cometidas contra a sociedade brasileira, eis a vigorosa denúncia do conto, à espera de um contrapoder que faça ruir as estruturas perversas e autoritárias do Estado oligárquico e colonialista.

As personagens-estadistas ocupam cargos hierárquicos relevantes e aparatosos, mas são, em essência, ratos, simbolizando as mazelas do Estado, sua ideologia repressora, arrogante, discriminatória, cínica, com toda a sua ineficiência, incapacidade em gerir os recursos de uma nação rica como a nossa. Os roedores, neste conto de forte estrutura psicológica, representam o horror da corrupção e inação. Ratos que emitem guinchos atordoantes, a tudo devorando, retratando a sordidez da exploração e opressão da sociedade (o Poder a serviço de individualidades, do patrimonialismo e privilégios classistas em detrimento da trajetória alheia e patriótico-coletiva). O amargo gosto, enfim, de derrota de um povo e do território pátrio sempre dominados por “ratos” e corruptos, fazendo a tudo e a todos nós adentrarmos num ciclo permanente de descrença, desvalia⁽²⁾.

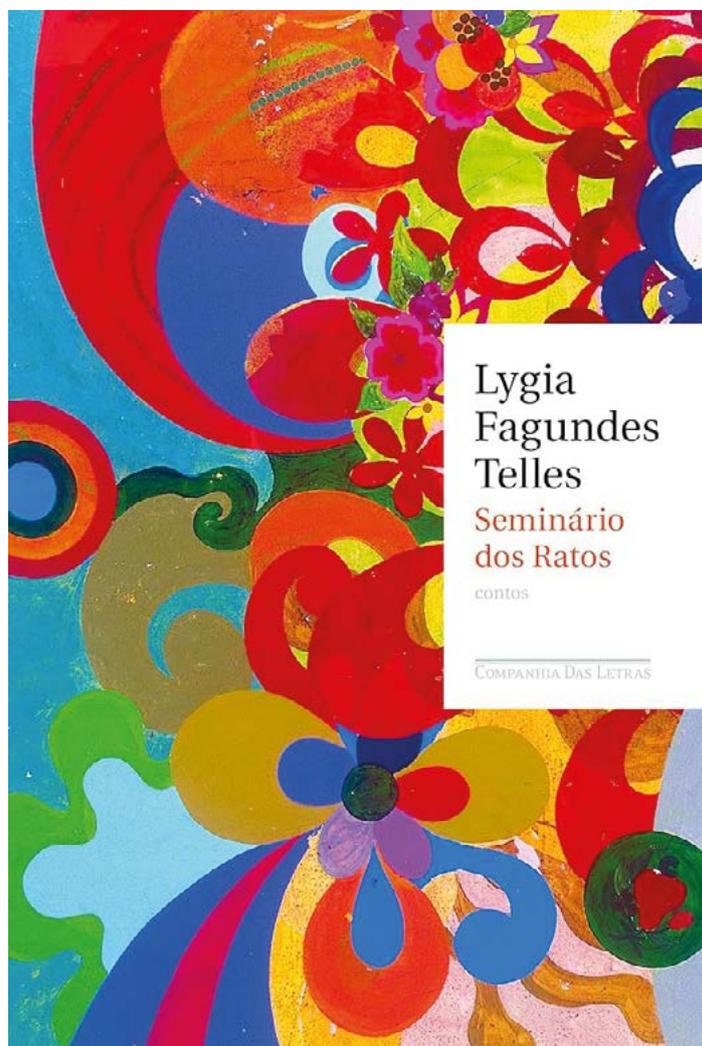
TEMPO DA NARRATIVA – As ações narradas são de curta duração, iniciando-se às 18 horas e já às 19 horas – antes de ser realizado luxuoso jantar previsto para as 20 horas – eis que os roedores se apossam do local, justamente onde se realizava um seminário para combatê-los.

ESPAÇO DO CONTO - Uma suntuosa mansão campestre, nabelescamente decorada, com o patrocínio de largos recursos de dinheiro público, em contraste com a dramática e famélica situação de desamparo da população do País. Enquanto a fome impera pelas zonas afetadas pela praga dos ratos, o imenso casarão ostenta toda sorte de conforto e deleites, disponibilizando aos congressistas nacionais e estrangeiros, jatinhos, piscina térmica, lagostas, caviar, vinhos importados, frutas típicas.

O fato da imprensa criticar os faustosos gastos – “verdadeira fortuna” – feitos pelo governo, é visto pela cúpula burocrática como tendencioso e próprio da “imprensa de esquerda”. Vejamos a argumentação dos burocratas:

- Bueno, é do conhecimento de Vossa Excelência que causou espécie o fato de termos escolhido este local. Por que instalar o VII Seminário dos roedores numa casa de campo, completamente isolada? Essa a primeira indagação geral. A segunda é que gastamos demais para tornar esta mansão habitável, um desperdício quando podíamos dispor de outros locais já prontos. O noticiário de um vespertino, marquei bem a cara dele, Excelência, esse chegou a ser insolente quando rosou que tem tanto edifício em disponibilidade que as implosões até já se multiplicam para corrigir o excesso. E nós gastando milhões para restaurar esta ruína...

O secretário passou o lenço na calva e procurou se sentar mais confortavelmente. Começou com um gesto que não se completou:



- Gastando milhões? Bilhões estão consumindo esses demônios, por acaso ele ignora as estatísticas? Estou apostando como é de esquerda, estou apostando. Ou então, amigo dos ratos. Enfim, não tem importância, prossiga, por favor” (Telles, pp. 153-154).

ESTRUTURA DO CONTO - Pode-se dividir o conto em duas partes. Na primeira parte é apresentado o Secretário de Relações Públicas acometido de gota, recluso em seu gabinete, que busca informar-se acerca dos preparativos para o magno seminário. Ouve-se, nesse interim, assombroso barulho a que o secretário intenta investigar.

A segunda parte refere-se, primordialmente, “a invasão dos ratos”. O secretário depara-se com o Cozinheiro Chefe, assaz apavorado, ante o feroz ataque dos ratos à cozinha do casarão, cuja invasão levaria à completa destruição dos cômodos, incluindo fiações, encanamentos. Há debandada geral, permanecendo ali tão somente o Secretário de Relações Públicas escondido dentro de uma geladeira em posição fetal, em total desamparo. É ele quem relata às autoridades, em depoimento, que ouvira murmúrios e vozes vindas do salão de encontro. Eram os ratos reunidos em assembleia de portas fechadas. Conseguiria escapar, correndo através do campo, podendo notar que todo o casarão se achava feericamente iluminado...

PERSONALIDADES/PERSONAGENS ALEGÓRICAS – As personagens – convidados/participantes do evento – evidenciam inépcia, má vontade, desinteresse, buscando tão somente autopromoção, regados por retórica vazia e opulento dinheiro público. O evento,

em si caricaturesco, é coordenado pelo Secretário do Bem-estar Público e Privado e seu subordinado, o chefe de Relações Públicas e como convidados e “especialistas em desratização” o presidente de uma estatal RATESP, o diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas e uma delegação americana (composta por um delegado especialista em ratos, acompanhado de uma secretária e guarda-costas). Presentes ainda o Cozinheiro-Chefe, o assessor de imprensa e outros serviços.

O chefe de Relações Públicas é retratado como “um jovem de baixa estatura, atarracado, sorriso e olhares extremamente brilhantes, carreirista, tendo feito curso de inglês para executivo”; que diz dominar “castelhano” e que viajou a Buenos Aires há dois anos, daí sempre repetir a expressão “bueno”; portador ainda de deficiência auditiva, ruborizando-se com facilidade...

O Secretário do Bem-estar Público e Privado, encarregado de organizar o evento, é apresentado como um homem descorado, calvo, mãos acetinadas, desconfiado, paranoico (sempre temendo ser “grampeado”), portador de gota e assim impossibilitado de se locomover. O Assessor de Imprensa, tendo sofrido pequeno acidente na noite anterior, acompanhando o evento à distância (por telefone). O Diretor das Classes Armadas e Desarmadas, por sua vez, trajava um “chambre de veludo verde” qual uma “montanha veludosa” e, assim paramentado à semelhança de um animal “farejava o ar”. A única personagem que tem nome próprio é Euclidea, a ajudante de cozinha, que acompanha os traumas e achaques do cozinheiro-chefe à hora da fulminante invasão dos roedores.

São, em síntese, personagens sem nome, representando, em sua maioria, autoridades públicas, caracterizadas pela ineficiência, incompetência administrativa, desvairado apelo ao luxo e prazeres patrocinados pelo farto dinheiro público. Demonstram orientação ideológica autoritária, tremem ante qualquer referência a direitos democráticos, à ética, à ação da justiça. Uma passagem do texto torna-se marcante, quando o Secretário de Relações Públicas manifesta explicito mal-estar ante a estátua da justiça – aliás, sugestivamente empoeirada – que decorava a exuberante mansão. “O chefe das Relações Públicas teve um olhar de suspeita para a estatueta de bronze em cima da lareira, uma opulenta mulher de olhos vendados, empunhando a espada e a balança. Estendeu a mão até a balança. Passou o dedo num dos pratos empoeirados. Olhou o dedo e limpou-o com um gesto furtivo no espaldar da poltrona” (Telles, p. 157).

CONTEXTUALIZAÇÃO - Dada a riqueza de suas conotações, ambiguidades e mesmo dubiedades, a obra permite diversas interpretações. A ideia central – estudos/estratégias de combate a roedores – sofre uma transformação significativa. Roedores ferozes invadem o local, expulsam os congressistas e os próprios ratos protagonizam a reunião. Um processo onde não há distinção: os ratos se personificam e os homens se animalizam – sujeito e objeto se mesclam em total degradação⁽⁴⁾. Exemplos de correlação entre ratos e humanos participantes do singular evento:

- O senhor disse que o Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas está ocupando a suíte cinzenta. Por que a cinzenta?

O jovem pediu licença para se sentar. Puxou a cadeira, mas conservou uma prudente distância da almofada onde o secretário pousara o pé metido no chinelo. Pigarreu.

- Bueno, escolhi as cores pensando nas pessoas – começou com certa hesitação. Animou-se. – A suíte do Delegado Americano, por exemplo, é rosa-forte. Eles gostam de cores vivas. Para a de Vossa Excelência escolhi este azul-pastel, mais de uma vez vi Vossa Excelência de gravata azul... Já para a suíte norte me ocorreu o cinzento. Vossa Excelência não gosta de cor cinzenta?

O secretário moveu com dificuldade o pé estendido na almofada. Levantou a mão. Ficou olhando a mão.

- É a cor deles, Rattus Alexandrinus

- Dos conservadores?

- Não, dos ratos. Mas enfim, não tem importância, prossiga por favor (...) (Telles, p. 152)

DESDE DAS AUTORIDADES - A mentalidade desprezível e desdenhosa dos burocratas revela-se insólita, assustadora, sádica para com a população oprimida, marginalizada, vivendo na mais extre-

ma precariedade. Vejamos um trecho:

- O povo, o povo – disse o Secretário do Bem-estar Público, enlaçando as mãos. A voz ficou um brando queixume. – Só se fala em povo e, no entanto, o povo não passa de uma abstração.

- Abstração, Excelência?

- Que se transforma em realidade quando os ratos começam a expulsar os favelados de suas casas. Ou a roer os pés das crianças da periferia, então sim, o povo passa a existir nas manchetes da imprensa da esquerda. Da imprensa marrom. Enfim, pura demagogia. Aliada às bombas dos subversivos, não esquecer estes bastardos que parecem ratos – suspirou o secretário, percorrendo languidamente os botões do colete. Desabotoou o último. – No Egito Antigo, resolveram este problema, aumentando o número de gatos. Não sei por que aqui não se exige mais da iniciativa privada, se cada família tivesse em casa um ou dois gatos esfaimados...

- Mas, Excelência, não sobrou nenhum gato na cidade; já faz tempo que a população comeu tudo. Ouvi dizer que dava um ótimo cozido!” (Telles, p. 158)⁽³⁾.

Pode-se perfeitamente verificar o nível de indiferença das autoridades pela situação aflitiva e desesperadora das camadas populares.

REFLEXÕES SOBRE O TEMA – A LINHA DO FANTÁSTICO

Algo explícito no conto “Seminário dos Ratos” é a mudança, a subversão e mesmo a (des)ordenação/relativização do poder. Quem ocupa posição passiva (ratos) poderá, em algum momento, tornar-se o sujeito, por força de circunstâncias, do acaso, possibilitando modificações de alçadas e comando. Real e fantástico se fundem, se amalgamam. Fatos narrados são aparentemente inverossímeis – como a invasão maciça e estrutura de ratos – com total inversão de posições. Em vez de um congresso sobre ratos, ei-lo protagonizado pelos roedores (pp. 163/164).

O sofisticado grupo político que está no poder e que governa, mercê de privilégios e de desperdício acintoso do dinheiro público, demonstra, quando contraposto, toda sua ineficiência, sua excrescência, seu descompromisso e covardia cívicas. O conto, como outros de Lygia Fagundes Telles, no dizer do crítico literário José Castello “desenha uma difícil relação entre o homem e o poder” e tem, por objeto, “menos a realidade do que aquelas zonas de atordoamento e dúvida em que ela se move”.

NOTAS

(1) O rato é, convencionalmente, retratado como uma peçonha, transmissor de doenças e pragas que devoram plantações, danificam instalações residenciais, atacam silos de armazenamento de grãos, disseminam enfermidades, e ainda com a conotação de ladrão, indivíduo desqualificado etc.

(2) O povo é tratado por um dos personagens como “abstração”. Segundo o Secretário do Bem-estar Público, o povo atrapalha o governo, quando a imprensa – sempre vista como “esquerdistas” ou “marrom” – denuncia os desmandos e a falta de escrúpulos dos governantes.

(3) Quando da decretação do famigerado Plano Collor (1990) com o bárbaro confisco da poupança e dos depósitos bancários da população, levando milhões de brasileiros ao desespero, à falência e muitos ao suicídio, alertada quanto ao clamoroso sofrimento do povo, a ministra da Economia, sra. Zélia Cardoso de Mello, de forma insensível e abominável, disse aos repórteres pasmosos: - O povo?! Ora, o povo é apenas um detalhe...”

Observar, ademais, que no trecho do conto, “subversivos” são equiparados a “ratos”, ambos dotados de forças capazes de abalar estruturas (ratos invadindo edifícios, roendo objetos, expulsando moradores e subversivos capazes de promover revoltas populares, desestabilizando e derrubando governos estabelecidos).

Há uma piada corrente sobre certo deputado estadual, que, recém-empossado, ao receber em conta corrente, os assombrosos salários legislativos, comentou: - Esta é, realmente, a Assembleia de Deus. Graças, Senhor, pois isso aqui é o Paraíso...”

(4) O poema “Orgia dos Duendes” do escritor romântico Bernardo Guimarães (1825-1884) detém certa sinonímia/correlação com o tema, abordando a contra ideologia dos duendes que se reúnem à meia noite em uma floresta. Personagens com duplicidade comportamental – entes sociais “normais” e respeitáveis durante o dia e malignos à noite/pós-morte, como mecanismos de expansão dos pecados cometidos em vida. Uma narrativa contestatória, uma sátira ao aspecto duplo da natureza humana, de uma elite de fachada que se deixa corromper pela luxúria e pela degradação moral. A insígnia e o estigma de uma sociedade falsa, pecadora, de esdrúxulos e decadentes padrões, como no pungente dizer de Santo Agostinho: “a natureza humana carrega o fardo do cativoiro - o pecado”.

SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS

Noé José de Castro

Noé José de Castro nasceu no Sítio “Boa Vista”, a seis quilômetros da cidade de São Tiago, num domingo, à 1 hora da madrugada, do dia 15 de novembro de 1953. Teve dois irmãos: Carlita Maria de Castro e José Leles de Castro. Com o apoio de sua mãe, adotou ainda três crianças como pai-irmão: Maria Aparecida da Silva Reis, João Ferreira de Jesus e Helena Marques de Castro.

Filho do Sr. Sebastião Resende de Castro e D. Tereza Marques da Silva, teve sua infância na roça, em meio a animais, plantações e muita travessura. Seus pais sempre viveram no meio rural e educaram seus filhos conforme o que receberam de seus ancestrais: o amor ao campo e aos animais, herança da família Castro; e o respeito e gratidão com a criação e bênçãos de Deus, da família Marques.

Noé, seus irmãos e filhos do agregado brincavam livremente no córrego e na mina d’água próximos da casa, levavam comida para as criações e molhavam as plantas, se percebiam que estavam secas. Tinha vaca, cavalo, cachorro e boi de estimação, que o atendiam carinhosamente quando chamados pelo nome.

Gostava muito das novenas de Nossa Senhora Visitadora, quando reuniam em sua casa vizinhos e amigos da família para rezarem e participarem de leilões e do café com biscoitos. Era uma festa fantástica!

Aos domingos, a família ia passear na casa dos avós, tios, primos, vizinhos, agregado. Ou, simplesmente, iam para um morro próximo onde se sentavam para os pais contarem causos, histórias de ficção e fatos bíblicos. Todas as noites rezavam o terço e dormiam ouvindo as histórias que os pais lhes contavam.

Aos sete anos, mudou-se com a família para a cidade de São Tiago, sendo matriculado no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”. Nos finais de semana e férias, retornavam para a roça.

Noé logo se enturmou na cidade. Arranjou muitos amigos. Alguns até, enciumados, brigavam entre si. Mas ele sempre dava um jeito de refazer a paz entre eles. Teve várias professoras. Aprendeu muito com elas, principalmente o carinho, a gratidão e o respeito para com todos que o cercavam.

Enquanto criança, Noé participou da catequese paroquial, da Cruzada Eucarística e foi coroinha do Mons. Eloi. Ajudava nas missas participando da liturgia em latim.

Seu pai morreu muito cedo e Noé – com 13 anos – sentiu-se, de certo modo, responsável pela sobrevivência da família e educação dos irmãos. Ia de bicicleta, na roça, buscar leite, ovos, frutas, verduras e alimentos cultivados pelos meeiros, para serem consumidos pela família e comercializados com amigos e vizinhos.

Na adolescência, trabalhou de mecânico na única oficina que, na época, tinha em São Tiago, a Oficina do Sr. Geraldo Caputo. Lá aprendeu também dirigir automóveis.

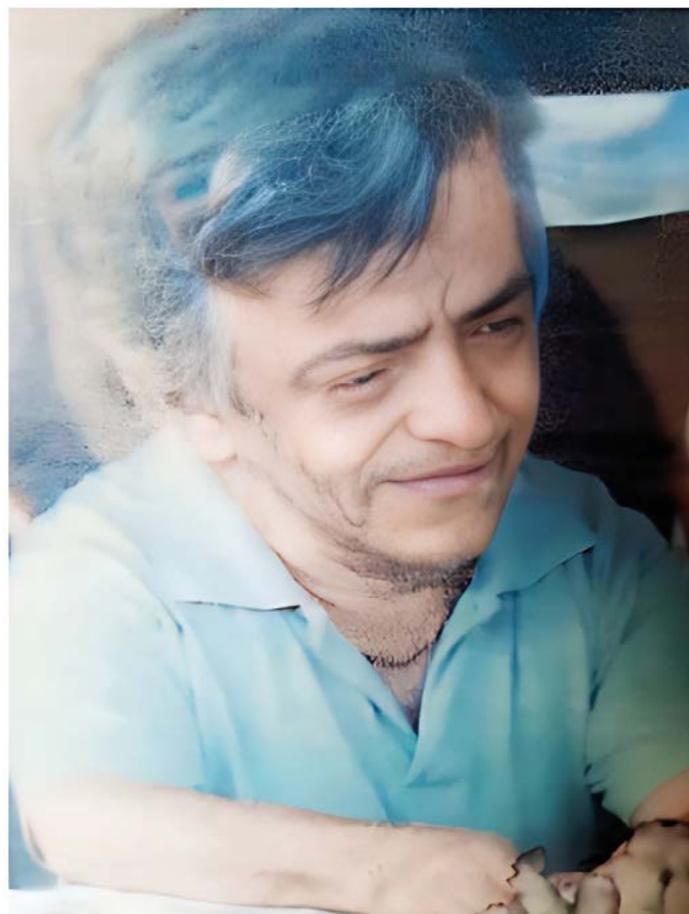
Auxiliava no trabalho do autofalante, anúncios, músicas e apresentação de filmes no Cine Odeon.

Estudou no Ginásio Santiaguense. Estreitou ainda mais os laços de amizade. Era muito bem acolhido no meio da diretoria, trabalhando voluntariamente na Biblioteca Escolar por vários anos.

Em casa ensinava datilografia aos amigos e auxiliava na escrita da Paróquia e da Polícia Militar. Tudo voluntariamente.

Quando jovem, gostava de cantar e dançar. Fazia serenatas para as amigas e namoradas. Era muito alegre e divertido. Estava sempre com uma radiola e discos a tiracolo. Foi juiz e técnico de futebol, por algum tempo, no time infantil do Cruzeiro de São Tiago.

Noé também foi exímio contador de histórias de ficção: assombrações, bichos, reis e rainhas, príncipes e princesas, fadas, gênios, bruxas e duendes. Grande pesquisador e conhecedor do folclore regional e de personalidades exóticas e atípicas do nosso município e da região, de ontem e de hoje.



Adulto, foi muito trabalhador. Dirigiu vários veículos seus e de outros amigos. Foi motorista, companheiro inseparável do Mons. Eloi por cerca de duas décadas. Viajou por toda região de São Tiago, cidades vizinhas, Belo Horizonte e São Paulo. Conheceu e tornou-se conhecido em todas as Comunidades Rurais do município e cidades da Diocese de Oliveira. É eternamente lembrado por muitos que com ele conviveram nesse tempo.

Com o passar dos anos assumiu a liderança no comércio de sorvetes, salgados e bebidas em sua própria residência. Era estimado por todos, pela sua humildade, acolhida, amizade. Não havia na cidade quem não fizesse comentários elogiosos ao “Bar do Noé”.

Assíduo nas festas religiosas da cidade, sempre colaborou e participou de movimentos e associações religiosas: Vicentinos, Santíssimo Sacramento e Associação de São José.

Apesar de algumas limitações físicas, Noé sempre foi batalhador, corajoso, empreendedor, destemido, sonhador, justo, honesto. Tinha metas e objetivos a serem atingidos. Nunca desistia de alcançar o que queria. E conseguia, por sua fé, coragem e força de vontade.

Deixou-nos um grande legado: trabalho, respeito, amizade, gratidão, carinho com todos a sua volta, humildade, serviço... e histórias.

Faleceu repentinamente, em sua residência, às 11h30, do dia 02 de julho de 2015, com 61 anos. Faltou tempo para ser ainda mais o nosso GRANDE, ADMIRÁVEL, INESQUECÍVEL, NOÉ DE CASTRO.

Carlita Maria de Castro e Coelho
Membro do IHGST

SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS

Irene Caputo de Assis

Irene nasceu no dia 08 de outubro de 1943, em São Tiago sendo a sétima filha do casal que tiveram 10 filhos. Seu pai José Antônio Caputo era filho de Rafael Caputo, imigrante, italiano, que veio para o Brasil com mais dois irmãos Felício e Francisco que se casou em Ritópolis, e posteriormente veio morar em São Tiago. Sua mãe dona Antônia Augusta dos Anjos, doméstica cuidava dos afazeres com zelo e dedicação, além de cuidar da educação de seus 10 filhos. Na década 1950, ainda muito nova ficou viúva passando por várias dificuldades.

Irene, criada no seio dessa família, sentiu o peso da responsabilidade em ter que ajudar de alguma forma. Com apenas 8 anos, começou a ajudar a mãe vendendo queijos, banana pelas ruas da cidade. Era uma vida simples de sacrifícios inerentes à época, mas uma família muito unida pelos pilares do carinho fraternidade e honestidade.

Depois de tirar o 4º ano no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”, foi para a roça dar aulas, ensinar seus primos a ler, escrever e contar. No povoado Fundo da Mata, Monsenhor Eloi celebrava algumas missas em datas importantes. Numa destas ocasiões, viu Irene, tão nova com aquela responsabilidade, então a convidou para ir para a cidade e fazer o Curso Ginásial.

Irene era tão dedicada que de agosto a dezembro conseguiu fazer o 5º ano - Ginásial. Posteriormente não continuou seus estudos voltando a lecionar na roça. Com o dinheiro que recebeu, aos 18 anos, em 1961, abriu o seu primeiro comércio, sem ajuda de ninguém, só baseada nos conhecimentos que recebeu de seu pai. Comprava, vendia fazia escrita, pagava impostos alugava espaços, e assim foi se aperfeiçoando do dia a dia na sua profissão.

Sempre dada às causas sociais. Pessoa com retidão de conduta, lutava contra os preconceitos e dava assistência aos menos favorecidos. Aos poucos foi se destacando nas atividades humanitárias, sócio educativas, assistenciais, do povo de nossa cidade. Como líder comunitária, fez parte de muitas instituições: Hospital São Vicente de Paulo, Albergue São Francisco de Assis, APAE, Instituto Tiago Apóstolo e também na comunidade rural São Vicente de Paulo, na Cruz do Valo, no Capão das Flores etc. Segundo Sr. Bento, seu vizinho, Irene quando mais nova era a primeira a chegar, quando falecia uma pessoa em casa, oferecendo ajuda financeira, seus préstimos. Segundo ela já doou até roupa sua para enterrar uma pessoa.

Em 1963, casou-se com José Jurival de Assis, permaneceu somente 14 anos no casamento e seu esposo veio a falecer em 31/08/1977. Deste casamento, tiveram cinco filhos, três mulheres e dois homens gêmeos. Este período foi muito difícil, terras e cinco crianças para cuidar sozinha.

Até 1966, trabalhou com tecidos e armarinhos a partir daí, transferiu o comércio para armazém secos e molhados, Casa Popular. Após 62 anos de trabalho em comércio, deu baixa no seu nome, passando ao filho. Hoje se chama Armazém Heloizane, nome sugestivo dado pelo contador em homenagem às suas três filhas.

Convidada por políticos da cidade em 1992 foi a primeira vereadora eleita no município. Começou assim uma nova fase para as mulheres, sendo reeleita no período de 1996/2000. Desempenhou com responsabilidade o cargo, com civismo, sendo autora de inúmeros projetos no município como: água velha, fontes, nome de ruas, dentre outros. Comentou que foi um período bem difícil, com bastante problemas inerentes ao cargo, mas com responsabilidade, firmeza de propósito e luta pelos direitos, conseguiu avançar. Foi também a última presidente da CENEC- Companhia Nacional de Escolas da Comunidade, rede de ensino brasileiro que auxiliava economicamente o Colégio Normal Santiaguense. Grandioso educandário, junto aos são-tiaguenses: Monsenhor Eloi, João Pinto e outros. Muito contribuiu na formação de excelentes profissionais.

Irene, mulher inteligente, guerreira, grande líder comunitária, mãe



exemplar, política. Com seu trabalho digno conseguiu educar seus filhos, administrar seu patrimônio com simplicidade, ética e respeito. Hoje tem cinco netos e uma bisneta. Gosta de leitura, boa prosa, de falar sobre a vida com muito entusiasmo e coerência. Para nós é um exemplo!

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST



AS FOLHAS DA ÁRVORE CAPUTO

Caputo é uma família antiga do Reino de Nápoles e de outras cidades da empobrecida região sul da Itália. Esta família mostrava alguns indivíduos de nobreza possuindo entre seus representantes condes, marqueses, duques e príncipes. Outra medida de importância familiar era pertencer à alta hierarquia da Igreja Católica, e neste caso, os Caputo contavam com quatro Bispos.

A Heráldica é a ciência que estuda os emblemas, brasões, armas e símbolos familiares. Caso se faça uma pesquisa no Heraldry Institute of Rome procurando o Brasão da Família Caputo o resultado retornará vários modelos, pois estes poderiam mudar de acordo com o ramo específico da família e a localidade da Itália onde habitavam. O brasão aqui representado se refere à família de Nápoles e Tropea, encontrado no "Dicionário Storico Blasonico delle Famiglie Nobili Italiane Estinte e Fiorenti". Aliás, a região sul da Península Italiana onde Nápoles está localizada, apresenta uma forte presença da Família Caputo.

A imigração italiana para o Brasil iniciou em 1870 e atingiu seu auge de 1880 a 1920. Italianos humildes das zonas rurais foram impelidos a partir em busca de uma terra nova, com oportunidades, pressionados pela crise de emprego, industrialização nascente, alto crescimento populacional e mudanças drásticas na economia.



No Brasil a maior parte dos imigrantes italianos foi assentada no sudeste, principalmente em São Paulo, e também no Rio Grande do Sul. O IBGE chegou a estimar que cerca de 30 milhões de brasileiros sejam descendentes de italianos, perto de 15% da população. O site de pesquisa genealógica FamilySearch informa que depois da própria Itália e dos Estados Unidos, o Brasil é o país com maior concentração de integrantes da família Caputo.

O nome Caputo remete ao latim "caput" (cabeça) e depois à palavra italiana "capo" (testa, cabeçudo). Por extensão pode significar "sabido" e "esperto". Variações do nome como Caputi, Caputto, Capputo e Locaputo podem ser encontradas.

A imagem dos brasões dos Caputo e do Município de São Tiago lado a lado só faz ressaltar como as histórias da família e da cidade são entrelaçadas fortemente. Além de toda uma descendência que carrega o sobrenome explicitamente contam-se ainda aqueles onde Caputo é o nome do meio. Existe também uma grande maioria transparente e não percebida de pessoas que são Caputo por razões hereditárias, mas o sobrenome desapareceu pelo costume de se privilegiar o sobrenome masculino nos casamentos.

Somos muitos!

Por Fabio Antônio Caputo



• JOSÉ CAPUTO FILHO (PRESTE)

José Caputo Filho (1916-1989), o Preste, era filho de José Pedro Caputo (Sapecado) e Carmelina Maria Caputo (Nhanhá). Casou-se com Adália Almeida Caputo (Nuna) e teve como filhos José, Maria, Nadege, Altair e Elzira. Seu apelido era realmente Preste e não Prestes, uma confusão bem comum.

Foi proprietário de um pequeno comércio, o Armazém São José, no começo da antiga estrada de terra para Oliveira, na saída da cidade. Atendia prioritariamente à vizinhança de sua casa, à cidade em geral e aos moradores da zona rural que por ali passavam. Usava o antigo sistema de anotar os pedidos de compra em cadernetas. Era conhecido por ajudar as famílias em dificuldades financeiras gerenciando os débitos lançados.

Basicamente um comerciante, aventurou-se em várias outras atividades. Foi produtor rural, negociante de polvilho, político sendo eleito vereador, presidente do Cruzeiro e um dos fundadores.

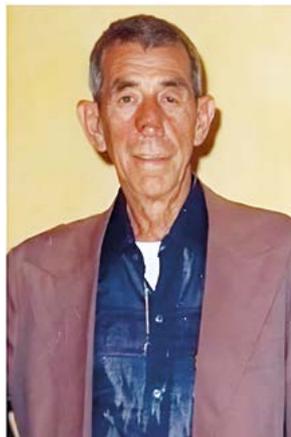
Adorava um carteador desde o tempo dos jogos na casa do José Hemetério até mais para o final de vida, em sua residência. Ali jogava Truco, Caixeta e Douradilha junto com seus velhos parceiros Juca da Natinha, Nogueira, Realino entre outros.

Apesar de ser pessoa acessível, generosa e sempre disposta a ajudar tinha lá suas idiossincrasias. Dava cutucões com a ponta do dedo e disparava a eterna pergunta: "De quem você é filho?"

Infelizmente ou não, caso a pessoa fosse merecedora, aplicava um tradicional beliscão. Podia até doer, mas muitos foram sábios o suficiente para transformar o fato em uma boa lembrança.

Sua casa era aberta, receptiva e generosa. Recebia a todos da melhor maneira possível, a qualquer tempo, em qualquer situação. Que fosse para uma visita, um bate papo, uma refeição, uma pinguinha ou uma hospedagem. Era uma de suas marcas.

Com colaboração da Família Caputo descendente do Preste



• JOÃO BOSCO CAPUTO (BOSCO)

João Bosco Caputo (1935-2005). Era filho de João Evangelista Caputo e Clara Gaudêncio de Souza. Casou-se com Maria Anete Caputo. Teve como filhos Maria Janete, Joanes Cesar, Jovânia, Joanielton, João e José Jean.

Bosco era o rei das brincadeiras. No tempo em que os fantasmas ainda existiam provocando medo nos homens, ele fingia ser um deles vestindo um lençol branco e surpreendia mulheres e crianças à noite, na época de Encomendação de Almas, aparecendo de supetão e ameaçador de algum canto escuro da rua ou cemitério. Susto e correria!

Foi comerciante, produtor rural e prestador de serviços. Vendeu de material esportivo e máquina fotográfica até máquinas agrícolas. Possuía uma beneficiadora de arroz muito requisitada.

Apreciava um bom terno e gravatas para frequentar bailes, serestas e outros os eventos sociais, como um elegante cavalheiro pronto para desfrutar da dança e da música, expressões de arte de seu gosto, compatíveis com sua jovialidade e maneira de ser alegre.

Bosco era um excelente jogador de futebol, ponta esquerda de fama. Participou do quase invencível Tupinambás dos anos 60's. Um pequeno fato mostra o seu prestígio. O Cruzeiro foi jogar em Passa Tempo e o Bosco, em fim de carreira e com as pernas bem mais fracas, jogou de forma avulsa e sem brilho pelo seu antigo adversário. Mesmo assim, um espectador, reconhecendo-o, fala para o companheiro ao lado de forma reverente: "Aquele é o Bosco!". Ainda existe testemunha viva do fato.

Entrar na horta do Sr. Procópio, entreter e enganar os cachorros com pão recheado de algodão, roubar as frutas, sair e bater na porta da frente tentando vender o que colheu é um alegre flash resumo do que era o jovem Bosco. E se tudo isso não bastasse, ainda era dono de um pagão que cantava o Hino Nacional!

Com colaboração de Janilton Caputo



• IRENE CAPUTO ASSIS

Irene Caputo de Assis (1943-), filha de José Antônio Caputo (Nhonhõ) e Antônia Augusta dos Anjos. Casou-se com Jóse Jurival Assis, o Vadinho, tendo como filhos Helaine, Heloisa, Heliane e Ailton e Anilton.

Entre os viventes, Dona Irene e seus irmãos são as pessoas mais próximas hereditariamente dos italianos originais. São netos, incrivelmente!

Sua trajetória de décadas lutando para vencer as dificuldades naturais de se construir um negócio do nada e o preconceito machista no meio da atividade comercial é bem conhecida. Também a sua passagem rápida pela política. Então é hora de olhar por outra perspectiva.

Dona Irene é reserva de memória. É o tipo de pessoa, mestre em lembranças, que está desaparecendo e escasseando deixando-nos sem referências. Com sua conversa fácil e natural gentileza pode discorrer sem tempo e sem cansaço sobre pessoas, lugares, épocas e acontecimentos. Pura história!

A respeitável trajetória comercial de Dona Irene hoje continua no Armazém Heloizane, sua empresa familiar. Passado um instante de inevitável estranhamento, pois o nome não é trivial, a explicação é singela: é uma mistura das sílabas dos nomes das filhas. O tipo de coisa que muitas camadas de afeto de uma mãe interiorana têm o poder de desejar e concretizar na mais perfeita simplicidade.

Agora diz que vai descansar e passar as batalhas do comércio para seus capitães, os filhos! É fácil crer que ainda será a general, observando a tudo. Auxilia o filho Ailton em um estudo genealógico das 1^{as} gerações da Família Caputo. É gratificante saber que de uma forma ou de outra estaremos ali representados dentro de um daqueles quadradinhos usados para construir a árvore genealógica.

Com colaboração de Irene Caputo Assis.



• IRENE CAPUTO

Irene Caputo (1933-1998) era filha de José Pedro Caputo (Sapocado) e Carmelina Maria Caputo (Nhanhá). Não casou e não teve filhos.

Solteira entre tantos irmãos assumiu a responsabilidade de cuidar de sua mãe e ser provedora da casa. Os recursos vinham do comércio que comandava no mesmo imóvel de sua residência. A casa da senhora Irene Caputo logo se transformou em um lar generoso e receptivo para uma multidão de parentes, amigos ou quem mais precisasse.

Seu ponto comercial era minúsculo e pitoresco pela gama variada de coisas para vender. É impressionante a reputação comercial e reconhecimento social que ela obteve gerenciando um negócio tão acanhado. Não à toa este endereço tornou-se um ponto de encontro bem concorrido.

A vida trás do balcão de comércio fez de Dona Irene uma pessoa experiente e esperta. Entretanto ela cometeu em uma oportunidade dois erros de avaliação bastante significativos. Em primeiro lugar aceitou colocar todo o seu prestígio, construído lenta e arduamente por anos, em situação de risco aventurando-se numa eleição para vereador. Perdeu! Mesmo tão conhecida e bem avaliada! Segundo, na verdade o erro original, foi confiar que um colégio eleitoral quase sempre interesseiro e imediatista pudesse considerá-la em um nível além do político.

A história, além do passar do tempo, transformou a senhora Irene Caputo em Dona Irene e posteriormente na tão querida Tia Irene.

Tia Irene para muitos, para tantos sobrinhos de sangue, para tantos sobrinhos trazidos pela vida, para tantos outros parentes e amigos e para muitas outras pessoas agradecidas a ela.

Com colaboração de vários integrantes da família.



• FRANCISCO CAPUTO (CHICO MANCO)

Francisco Caputo (1866-?), Chico Manco, era filho do italiano Rafael Caputo e Ana Claudina de Almeida. Não casou, não teve filhos registrados e nunca foi de trabalhar.

Para muitos Chico Manco foi um nome que aparecia em histórias, às vezes veladas, nas mesas familiares de infância. Um tipo aventureiro que cruzava as primitivas estradas de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, com sua garrucha e montando a sua adorada besta Ludovina, representando seu pai que produzia polvilho, fumo e café.

Seus críticos diziam que da vida Chico Manco só queria saber de beber, vadear, de mulheres, brigas, confusões e arruaças. Como se fosse atraído pelo lado perigoso do mundo!

Ludovina era sua de coração. Ele a treinou para obedecer a seus comandos. Atender ao assóvio, oferecer a pata, pular a porteira, ajoelhar em cumprimento ou buscar alguma coisa. Nas horas de dificuldades financeiras ele vendia a bestinha e a noite ela escapava do novo proprietário e voltava para sumir com o Chico Manco.

Certa vez um comprador esperto prendeu o animal fazendo falhar a tramoia. Após uma eternidade inútil tentando reaver Ludovina, volta para São Tiago sozinho, sem posses, sem saúde e sem alegria.

Ficou muito tempo quase catatônico em um beliche na fazenda vigiando além da janela, até que numa noite um som conhecido indicou que mesmo magra, com casco ferido e gangrena, sua amiga conseguiu voltar. Com ela também voltou um sopro de vida para si.

Ao participar de uma briga generalizada em uma festa de padroeiro de povoado uma bala perdida matou uma criança. O remorso por participar desta tragédia, mesmo indiretamente por não ser o atirador, o fez jurar para sua mãe que criaria juízo e nunca mais beberia. Assim passou os últimos anos em São Tiago.

*Com colaboração de Irene Caputo Assis
Não foi possível encontrar uma foto do Chico Manco*



• MENINO CAPUTO

M. F. Caputo (12 anos de idade), o Nino, é filho de P. S. Caputo e M. B. Caputo. Por ascendência direta pertence a um dos mais importantes e longevos troncos da Família Caputo em São Tiago. Tem três irmãos, Laurinha, Rodrigo e Teco e atualmente cursa o 7º período do Ensino Fundamental na Escola Estadual Afonso Pena Junior. É um bom filho e irmão com direito a todas escorregadas que todos nós fazemos em pequenos e nos fazemos humanos.

Os olhinhos ficam um pouco envidados quando perguntado se gosta de estudar e se gosta da escola. É um bom aluno mediano.

Nino é um garoto típico de sua idade e de sua época: simples, divertido, articulado e pode ser considerado alguém bacana.

Gosta de brincar, dando preferência a andar de bicicleta, jogar futebol e, claro, jogos eletrônicos. Gosta de pizza e hambúrguer, mas não é chato para comer a comida do dia a dia, desde que não se exagere na presença de jiló, almeirão e angu.

Não demonstra nenhum interesse acima da média por música.

Quanto "ao que você quer ser quando crescer?", ou sua futura profissão, mantém uma postura natural. Não fica mudando de opinião todo dia e também nunca escolhe opções exóticas como ser astronauta ou ser o melhor jogador de futebol do mundo. Acha que vai ser algo como médico, mas ainda não sabe muito bem como.

Torce pelo Cruzeiro, o que é ótimo e simplifica muita coisa.

Mesmo não possuindo o entendimento sobre o que isso significa, o Nino é um dos emissários que a Família Caputo com base em São Tiago está enviando para o futuro, levando consigo uma pequena fração de nossa história. Pequena fração por que somos muitos, mas o suficiente para esticar nossa existência, para nos manter vivos por mais algum tempo adentro do tempo.

*Este perfil é fictício, mas plausível e real.
Exemplifica uma perspectiva de um futuro desejado.*



DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



SENTIMENTAIS

DÓI SEMPRE NA GENTE, ALGUMA VEZ, TODO AMOR
 ACHÁVEL, QUE ALGUM DIA SE DESPREZOU
 [Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

PASSEIO DE EMAÚS (25-08-93)

Minha linda menina, eu me recordo: um dia
 Aqueceste-me as mãos de teu suave calor.
 Num frêmito sutil, com encanto e magia,
 Acordaste em minha alma os desejos do amor.

Onde estás, porventura, sublime donzela,
 A vagar neste mundo de tantos caminhos?
 Te revejo em meus sonhos tão meiga e tão bela,
 A me dar num sorriso os mais ternos carinhos.

Tens agora, quem sabe, o convívio dos teus?
 Ou levaram-te ao céu, na louçã primavera,
 Linda orquídea da mata, os anjinhos de Deus?

Onde quer que tu estejas, serás, na verdade,
 Ilusão de ternura. Mas, ah! quem me dera
 Abraçar-te outra vez, no Emaús da Saudade!

MULHER (20-05-94)

Das criaturas do mundo, a mulher é a mais bela,
 A mais cheia de graça, e de Deus a obra-prima.
 Dentre todas, porém, a mais linda é aquela
 Que meus versos inspira e meu estro sublima.

Quando, longe, a saudade me vem de revê-la,
 Entre os astros do céu a procuro e, lá em cima,
 Eu descubro seus olhos na luz de uma estrela,
 Da mais rútila estrela que a viver me anima.

De seu corpo, os encantos são minha euforia,
 Quando, ardendo em desejos, o peito me estua
 Por beijá-la nos lábios com louca ousadia.

Tanto amor, em minha alma, essa Deusa insinua,
 Que, sem ela, esta vida, na certa, seria
 Um deserto sem fonte, atra noite sem lua!

NO JARDIM DA ILUSÃO (26-11-93)

Florindo num jardim estavas rescendente
 Quando, naquela tarde, em minhas mãos tomei-te.
 E desde então, ó Flor, tu foste, tu somente,
 Da minha vida enlevo e seu mais belo enfeite.

Ao me abraçar depois, tremendo de contente,
 Com a pelúcia tua, em mutual deleite,
 Vendo-te, linda e nua, ali na minha frente,
 Inteiro o coração, entre suspiros, dei-te.

Beijando, enfim, num sonho, o teu botão cheiroso,
 Nos lábios pressenti, feliz naqueles anos,
 Da tímida corola o néctar delicioso.

Mas, foi-se o tempo bom e desfolhaste enganos!
 No Jardim da Ilusão, interrompido o gozo:
 Sozinho estou, agora, a recolher os danos.

ALUCINAÇÃO (27-05-94)

Quando ao meu corpo invade a mórbida dormência
 E, num instante, sonho, à hora de matinas,
 Um vulto de mulher, em lânguida aparência,
 Eis surge-me no sonho, envolto de neblinas.

Diáfana visão que tanto me fascinas,
 Teu nome balbuciar me deixa, por clemência:
 És, porventura, a luz de emanações divinas,
 Desse eternal amor que faz de Deus a essência?

Ah! se desceras, Flor, dos siderais albores!
 Volúpias de paixão, se para mim voltares,
 Em sonhos viverás a desvairar de amores.

Ela p'ra mim volvendo os trêmulos olhares,
 Entre nuvens se esvai de incensos e vapores...
 Mas fica o seu perfume embalsamando os ares.

LAMENTO (31-03-95)

Perdida é para mim toda a esperança
De ouvires, ó mulher, a minha queixa.
De ti restou-me, apenas, na lembrança,
Esta saudade atroz que não me deixa.

Quando, tristonho, à noite, rememoro
As lindas horas que passei contigo,
Um desolado pranto ainda eu choro,
Sentindo a falta do teu seio amigo.

Passaste tu por mim tão de repente,
Qual breve refflorir de primavera...
Mas foi, ainda assim, suficiente
Para eu ficar sonhando, à tua espera.

Efêmera e fugaz foi minha sorte,
Como a luz de um relâmpago. Contudo,
A todos eu direi, antes da morte,
Que, para mim, o teu amor foi tudo!

SEU NOME (12-07-94)

Tenerisque meos incidere amores
Arboribus, Crescent illae, crescetis amores!
(Virgílio: Écloga IX)

Seu nome – lindo assim jamais eu vira,
Tão denso de ternura e melodias.
Foi dele o despertar de minha lira,
Por ele eu redigi estas poesias.

Seu nome – lá no céu, unindo estrelas,
Nas noites consteladas, soletrei-o.
E, crendo ver seus olhos numa delas,
Fitei-a com emoção e grande enleio.

Seu nome – fiz de pétalas inteiro,
Colhidas num jardim ao bem-me-quer.
Ah! quanta vez, em cismas tão vezeiro,
Eu tive, em repeti-lo, o meu prazer!

Seu nome – duma árvore novela
No tronco, a canivete, ao meu juntinho,
Desenhei, para que, crescendo ela,
Crescesse o nosso amor, bem de mansinho.

Seu nome – escrevi-o junto ao mar,
Nas areias da praia reclinado.
E, longo tempo ouvindo o marulhar,
Sonhei ela comigo, ali ao meu lado.

Seu nome – o mais doce que eu já vira,
Tão cheio de lembrança e de beleza,
Alguém, daquele tronco, ousado, tira,
Deixando-me banzado de tristeza.

Seu nome – está no céu também desfeito;
Na areia se apagou, murchou nas flores.
Apenas me restou, na dor do peito,
Esta saudade atroz dos seus amores.

FEITIÇO (26-07-94)

Desde quando eu a vi, a vez primeira,
Meu coração ligeiro pulsou de amor.
Brilhou nova esperança lisonjeira
No meu peito de vate sonhador.

Como a ave que mesmo prisioneira
Não recusa cantar ao seu senhor,
Assim também estive à sua beira,
Vibrando a minha lira em seu louvor.

Ela, um dia, porém, sem mais nem menos,
Dos meus olhos roubou-me os seus morenos,
Deixando-me p'ra sempre, em tudo, omisso.

Busquei, noutros amores mais serenos,
Esquecer-me do seu... Mas, nada disso
Consegui me livrar do seu feitiço!

REDONDILHAS (03-07-88)

Nesta manhã, eu quisera,
Em lindos versos cantar.
Poeta ser, quem me dera!
P'ra tua beleza rimar.

Meu coração exultante
Todo de amor se engalana,
Pela presença constante
Dos teus encantos: - - - ana!

Sinto tua luz sempre bela,
Junto de mim cintilante.
No entanto, rútila Estrela,
Brilhas num céu tão distante.

Teus olhos pedem carinhos,
Tal como orvalhos a flor.
São os teus lábios caminhos
Por onde passa o Amor.

No teu rostinho há doçura,
Quando me falas a sós.
Tens no sorriso ternura
E melodias na voz.

Meu coração eu queria
Junto do teu colocar,
E ao mundo inteiro eu diria:
Vivo feliz a cantar!

Mas meu destino não quis
Que esta ventura eu tivesse,
Por isso te peço: infeliz
Neste silêncio me esquece!

Parábola da demissão da formiga desmotivada

Havia uma formiga que todos os dias chegava cedo em seu trabalho e fazia tudo com dedicação e excelência. Ela era produtiva e feliz!

Como a formiga era muito dedicada, trabalhava por conta própria. Um dia, o gerente marimbondo percebeu que a formiga estava trabalhando sem supervisão e teve um pensamento: "se ela era tão produtiva sem supervisão, imagina então se fosse supervisionada!"

Então, colocou uma barata como sua supervisora. Essa barata era muito experiente e competente, seus relatórios eram impecáveis!

Em sua nova função, a primeira medida que a barata tomou foi padronizar o horário de entrada e saída da formiga. Depois, chamou uma secretária para ajudá-la a montar os relatórios e chamou uma aranha para organizar os documentos e atender o telefone.

O gerente marimbondo se encantou com o trabalho de qualidade realizado pela barata e também pediu gráficos com assuntos debatidos em reuniões. Para cumprir melhor sua função, a barata contratou uma mosca e comprou mais equipamentos.

A formiga, que antes era produtiva e muito feliz em seu trabalho, começou a se sentir reprimida em meio a tantos papéis, aparelhos e reuniões.

Com toda a evolução daquele departamento, o marimbondo sentiu que era o momento de contratar um gestor para a área onde a formiga trabalhava.

A escolhida para o cargo foi uma cigarra que, muito exigente, mandou emperquitar sua sala.

Não demorou muito para que a nova gestora precisasse de equipamentos pessoais de trabalho e de uma assistente. Foi escolhida a pulga, que já tinha trabalhado com ela anteriormente. Juntas, elas elaboraram uma estratégia de melhorias para o departamento e um controle de orçamento para a área onde a formiga trabalhava, formiga essa que

a cada dia ficava mais triste e desmotivada; nem cantar mais, ela cantava!

A gestora cigarra conversou com o gerente marimbondo para lhe mostrar que precisavam investir em uma pesquisa de clima. O marimbondo concordou, mas ao analisar as finanças, percebeu que a unidade onde a formiga trabalhava não estava mais rendendo como antigamente, e por esse motivo, contratou a coruja, que era uma consultora muito reconhecida e famosa, para fazer um diagnóstico da situação.

A coruja trabalhou nesse diagnóstico por três meses e, em seu extenso relatório de conclusão, ela afirmou que tinha muita gente na empresa.

Chegou a hora de demitir alguém da empresa, e adivinha quem foi a escolhida? A formiga, óbvio, porque ela tinha mudado muito de um tempo para cá, andava desmotivada e não conseguia acompanhar o ritmo da empresa.

Moral da história: O gerente, percebendo que o trabalho no setor da formiga era bem-sucedido, foi tomado pela ganância e pensou apenas em aumentar os ganhos, sem valorizar a funcionária que esteve desde o início se esforçando e dando o seu melhor no trabalho. Ele criou diversos processos e contratou novos animais, mas se esqueceu do principal: cuidar e investir em quem fez o setor crescer em primeiro lugar. A formiga, sentindo-se desmotivada e inibida por tanta novidade, começou a produzir bem menos e logo foi "descartada", como se fosse o problema.

Isso acontece muitas vezes na vida real. Nós criamos muitos relacionamentos e desvalorizamos aquelas pessoas que estão conosco desde o início, pensamos apenas em nosso próprio bem, e assim destruímos muitos de nossos melhores relacionamentos, os mesmos que nos fizeram ir em frente na vida.



IMAGEM INTERNET

LIRA DA IMACULADA CONCEIÇÃO 60 ANOS

Que maravilha! Uma cidade que tem sua Banda de Música é uma cidade alegre.

Principalmente uma cidade festiva, de povo alegre, comunicativo e acolhedor como a nossa.

Somos privilegiados pelo encantamento que nossa Banda nos traz. E, hoje, evoluindo para novos ritmos e outras apresentações que vêm conquistando as pessoas. Exemplo são as apresentações no Rock Band, do salão É Festas e na festa do Café com Biscoito deste ano.

E as procissões? E as celebrações religiosas que acontecem sempre?

Tudo fica mais bonito e mais emocionante quando a Banda está presente e entoando as tradicionais partituras sacras.

Lira Imaculada Conceição...

60 anos de história, de alegria e muito trabalho.

Fundada em 08/12/1963 por Monsenhor Francisco Elói, ladeado pelos fiéis paroquianos que o apoiaram nesta iniciativa: Maurício Jefferson Pinto (Presidente); Geraldo Caputo (Vice-presidente); José de Oliveira Santiago (1º secretário); José Arcanjo Santiago (2º secretário); Blair Vieira da Costa (Tesoureiro).

Monsenhor Elói, o idealizador, foi Diretor da Lira durante muitos anos. Homem da coragem, do entusiasmo, da cultura, do gosto seletivo, sabia que "uma cidade sem Banda de Música é uma cidade triste", assim ele dizia.

Cuidou de tudo que era necessário, formou uma diretoria, adquiriu os primeiros instrumentos (patrocinados pela Paróquia) alguns remanescentes da antiga Banda Santa Cecília e Lira Santiaguense, contratou um maes-

tro pela Paróquia e injetou entusiasmo nos jovens para frequentarem as aulas de música.

Assim nasceu a Lira da Imaculada Conceição, no dia em que a Igreja celebra a festa, a qual Monsenhor comemorava com seu grande entusiasmo. Além de homenagear a Irmandade das Filhas de Maria, nesta data, ele homenageava também os casais que naquele ano completavam Bodas Matrimoniais de Prata, Ouro e Diamante.

Era uma festança o 8 de dezembro em São Tiago.

A Banda surgiu, portanto, numa data muito festiva, por isso, ela tem no verne a alegria dos dobrados, valsas e canções militares que sempre encantaram nossas festas.

Várias diretorias, vários maestros e muitos músicos vão perpassando a história da Lira da Imaculada Conceição e tornando cada vez mais brilhante em nossa cidade e na região.

Parabéns a todos os atuais componentes, diretoria e ao maestro Tássio.

Gratidão aos músicos, diretorias e maestros do passado.

Eterno respeito e reconhecimento ao grande Monsenhor Elói.

"Uma cidade sem Banda de Música é uma cidade triste."

São Tiago é uma cidade alegre!



Cairu - Membro do IHGST Dez/2023

SUSTENIDO E OS AMIGOS DA RUA

Existem muitos cães nas ruas de São Tiago. E os cães não são como os gatos, invisíveis. A maioria absoluta é vira-lata.

Os vira-latas já foram considerados os vilões das ruas. Eles eram os maus elementos marginalizados da fauna urbana dominando as vias públicas. Foram até combatidos oficialmente pelas autoridades municipais com o uso das carrocinhas de recolhimento para posterior sacrifício. Uma série de circunstâncias acumuladas contribuiu para o estabelecimento desta visão. Com uma população sem controle de natalidade estes animais gostavam de andar em grupo, incomodar as pessoas, promover bagunça e confusão, correr atrás de veículos, invadir propriedades para roubar alimento e etc. Podiam atacar e matar galinhas, gatos e outros bichos menores. Mais seriamente sempre havia o risco do ataque de algum cão agressivo. O espectro da raiva, a hidrofobia, era sempre presente. As cenas de sexo durante o cio também eram, de qualquer forma, um tanto quanto constrangedoras.

Foi possível alterar substancialmente este quadro mesmo que pareça ainda não existir controle sobre a dimensão da população canina. Agora é raro ouvir referência a vira-lata feroz, que ataca. Os cães, muito espertos, entenderam que tem muito mais a ganhar sendo bons garotos aos olhos humanos, fazendo graça, sendo dóceis e no geral melhorando o comportamento. Alguns diriam que eles estão se infantilizando de propósito para angariar a simpatia dos homens. As campanhas de vacinação antirrábica promovidas pelo poder público têm sido constantes e eficientes com a seriedade que o assunto merece. Quanto ao sexo animal, o ser humano não está em posição muito superior para reclamar com propriedade.

Existem relatos interessantes sobre cachorros de rua. Há conhecimento de que alguns deles frequentavam a missa, provavelmente enviados por São Francisco de Assis. Quando os cortejos



reginação a Aparecida. Conseguiu ir até em Cruzília onde não pôde continuar, pois sua pata não aguentou. Foi rastreado e encontrado numa clínica. Mandaram buscar. De imediato pode parecer absurdo gastar recursos para trazer de volta um simples cachorro de tão longe. Mas, de vez em quando é saudável que o lado do Bem da vida gere algum absurdo para contrabalançar os absurdos mais horríveis promovidos pelo lado escuro da Força.

Sustenido precisou de uma cirurgia para extirpar um olho que não tinha cura. O Dr. Estebán da Clínica Saúde Animal fez a operação. Depois disso, agradecido, o cachorro visita a clínica diariamente. Reencontra os amigos funcionários e outros cães, recebe atenção, carinho e afeto, dorme e se alimenta. Já foi visto descansando sob a mesa do veterinário durante uma consulta.

A população de São Tiago tem mostrado uma benéfica transformação no trato com os vira-latas. Pessoas deixam vasilhas de água e alimentos no passeio, em frente suas residências, para atender a turma da região. Comerciantes também são tolerantes, pois quando não oferecem um petisco pelo menos não escorraçam os bichos para longe das portas. Os clientes mantem a tônica, não dando chique fácil pela simples proximidade de um cão. Finalizando,



O Sombra

boas almas humanas levam os animais sem dono para receberem vacinas e castração.

Agora são raros os casos de violência e crueldade contra animais, o que, aliás, é crime. Em contrapartida algumas coisas negativas ainda perduram. O descarte de crias indesejadas em lugares afastados ou ermos é um péssimo ótimo exemplo. O perigoso ataque em bando a carros e motos ainda ocorre, o que é muito sério. A invenção dos vira-latas de coleira também é. As únicas diferenças entre esses vira-latas e os outros são a coleira e o fato de encontrarem os portões fechados ao voltar para casa à noite.

O falecido Sombra foi um cachorro desta estirpe que conheci nas ruas de São Tiago. Continuamos próximos mesmo depois que foi adotado por uma vizinha de bom coração. Não era nem de perto tão famoso quanto o Sustenido, mas tinha todas as qualidades para tal. Quando encontrava na rua alguém de quem gostava fazia festa, recebia afagos, devolvia seu afeto em lambidas e seguia o humano por muito tempo, de pertinho, com sua amistosa fidelidade canina.

Dai surgiu seu apelido, uma referência a nossa imagem projetada pelo sol no chão, sempre a nos seguir. Quando andávamos juntos pela vizinhança de casa, alguém perguntou se eu era o dono do animal. Com muita sinceridade a única e possível resposta foi:

“- Não!... Ele é meu amigo!”.



Sustenido sob a mesa

de enterro saiam da Igreja Matriz era facilmente percebido que havia uma dupla de cães que não perdiam um sepultamento, presenciando todos os cerimoniais.

Atualmente o Pop Star entre os cães de rua da cidade chama-se Sustenido. Sustenido como o símbolo na pauta de música que lembra o jogo da velha, graças à imensa criatividade daquele que o batizou com este apelido. Este vira-lata doce, meigo, caramelo e cinza provavelmente híbrido, é famoso e constantemente monitorado por uma rede daqueles que se preocupam com os animais, por aqueles que gostam dele e pelas mulheres (onde os homens?) da ONG Amigo 4 Patas. Já tentaram adotá-lo, mas mesmo sendo bons os humanos sua liberdade tem mais valia.

Certa vez Sustenido chegou até Mercês de Água Limpa seguindo uma comitiva religiosa. Um aviso foi enviado e mandaram buscar. Em outra oportunidade ele acompanhou ciclistas que saíram em pe-

Fabio Antônio Caputo

CIGANOS EM NOSSO MEIO NO PASSADO

Os ciganos – povo de origem asiática, provavelmente da Índia - sempre foram estigmatizados, ao longo dos séculos, por toda parte, vistos como embusteiros e com desconfiança pelas populações dos países por onde se deslocavam ou viriam a se estabelecer. Anda(va)m geralmente em grupos, de forma errante, com sua peculiar e exótica cultura, com linguagem própria, trajes e hábitos característicos. Tinham, por hábito, instalar-se em alguma localidade, levantando tendas, oferecendo serviços de caldeireiro – consertadores de objetos de latão, bronze e cobre, como tachos, alambiques, sinos etc. Muitos ciganos eram profissionais especializados como funileiros, por vezes os únicos existentes nas províncias. O momento das refeições funcionava como fator de estreitamento das relações afetivas, no cuidado com a educação das crianças, elaboração de estratégias de sobrevivência – econômicas, logísticas e outras tantas – do exótico grupo.

Relacionados ao comércio de mercadorias roubadas (escravos, animais, objetos variados), sendo que muitos desses contraventores, porém, eram falsos ciganos. Vistos e avaliados na imagem popular e pelas autoridades como desordeiros, ladrões de animais, perturbadores da ordem pública, suspeitos por toda e qualquer transgressão legal, por onde passavam. Chegaram ao Brasil em maior número como degredados no século XVIII⁽¹⁾ e a Minas Gerais juntamente com as levas e chusmas de aventureiros que para aqui acorreram à cata de ouro e metais preciosos.

Os ciganos não formam uma nacionalidade ou grupo religioso, porquanto a dispersão, o nomadismo, a rejeição, suas adaptações espaço-temporais, contatos interéticos promoveram descontinuidades e complexidades que inibem uma correta classificação do(s) grupo(s) ou tribo(s) denominados “ciganos”⁽²⁾.

No Brasil, sempre estiveram ligados às crônicas policiais, responsabilizados por crimes, muitas vezes infundados, desde os mais simples até os mais nefandos. Gerou-se, assim, um estereótipo sobre o cigano, avaliado como uma entidade coletiva, até mesmo abstrata, evitada de incivildades e de perniciosos comportamentos. Viajantes estrangeiros e memorialistas, da mesma forma, recorriam aos mesmos e corriqueiros jargões, retratando-os como “trapaceiros”, “inúteis à sociedade”, “meliantes”, “supersticiosos”, “uma anomalia social e racial”. Tentativas das autoridades, desde o Brasil colonial, em enquadrá-los dentro dos parâmetros régios e religiosos, não obtiveram eficácia, ocorrendo, daí, repressões e embates, conforme relatos policiais e eclesiásticos⁽³⁾.

Sua presença nas Minas geraria incômodo para as autoridades locais, sendo-lhes atribuído roubos de animais equinos e de escravos ladinos⁽⁴⁾, o contrabando de ouro e diamantes, bem como adeptos da ociosidade. Seriam aqui igualmente perseguidos pela Igreja, mormente a Inquisição, como “hereges”, promotores de “grandes males” no dizer do bispo D. Antonio de Guadalupe (1727). As autoridades coloniais procurariam enquadrá-los dentro do sistema mercantilista, forçando-os a aprender e a exercer “ofícios e artes mecânicas”, a assentar praça, trabalhar em obras públicas, proibidos, ademais, de andar em bandos e “comerciar em bestas e escravos”, conforme se lê em documentos oficiais da época.

A tática das autoridades, contudo, era sempre manter os ciganos em movimento, expulsando-os à força, de forma que passavam os bandos a outras cidades e Estados, como verdadeiros “judeus errantes”. Quando do combate aos salteadores da Mantiqueira, final do século XVIII, feitos pelas forças coloniais, sob o comando do Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) ocorreriam, segundo se diz, massacres envolvendo ciganos⁽⁵⁾. Durante a estadia da família real portuguesa, as relações ou status dos ciganos melhorariam, tendo esses compartilhado ativamente de eventos artísticos na Corte, segundo documentos e testemunhos oculares, como o do Barão Von Eschwege que participou em 1810 das festividades de casamento da princesa de Beira, filha mais velha de D. João VI, com um nobre espanhol. Von Eschwege escreveu que “os moços dessa nação (ciganos) entraram no circo, montando belos cavalos ricamente ajaezados e levando na garupa as suas noivas. Os casais saltaram ao chão com incrível agilidade e executaram em conjunto, as mais lindas danças que já vi até hoje. Todos os olhos se achavam voltados para os jovens ciganos e se tinha a impressão de que as outras danças tinham por único objetivo, fazer ressaltar a beleza das suas” (“Brasil, Novo Mundo”, vol. II). Os ciganos foram igualmente convidados para os desposórios do Príncipe Real D. Pedro em 1818, onde apresentaram suas músicas e danças⁽⁶⁾.

IMAGEM INTERNET



Em Minas, ocorreriam, no final do século XIX e inícios do século XX, as chamadas “Correrias de Ciganos”, conflitos entre as forças policiais e bandos de ciganos em movimentação, gerando tiroteios e mortes de ambos os lados. A documentação sobre os ciganos é muito escassa, indireta ou parcial, vista geralmente sob o olhar preconceituoso ou hostil de chefes de polícia, religiosos, viajantes e ainda cronistas, memorialistas e historiadores. Mal vistos pela Igreja da época (dada esta à sua obsessiva pretensão de controlar todas as parcelas da sociedade) por não acolherem os sacramentos como batismos, casamentos e por manterem seus costumes próprios⁽⁷⁾.

O viajante inglês James Wells refere-se a ciganos, por ele contactados no norte de Minas, a quem ele denomina “cigano brasileiro”, usando chapéu sobre os cabelos cacheados, espada no coldre com grande fivela, bota com esporas de cavaleiro e colete (“Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil: do Rio de Janeiro ao Maranhão” vol. 1, Belo Horizonte, FJP, 1995, p. 293). Causava espécime a muitos brancos o fato das ciganas amamentarem publicamente seus bebês, o andar nuas as crianças, os adultos expõem barriga e peito também nus, contrariando manuais de conduta e formalidades das classes elitistas ou abastadas. A alimentação ou dieta cigana acompanhava, em grande parte, a dos tropeiros – carne seca ou charque, angu ou farinha de milho ou mandioca, feijão, arroz, eventualmente cachaça ou melado como sobremesa. Armavam acampamentos e para cozinhar, fincavam três paus (tripeça) aí colocando os caldeirões.

Em contraposição ao final do cativo e à sua principal atividade, até então – o comércio de escravos – os ciganos se reinventaram, passando a ocupar nichos econômicos desocupados como o comércio itinerante de tecidos, roupas, joias, quinquilharias; o comércio de cavalos e bestas de carga, ficando estigmatizados como velhacos. Muitos atuavam em atividades circenses e teatrais, celebrizando-se como dançarinos, acrobatas (inclusive com o uso de animais adestrados – cavalos, macacos – sendo, ademais, os introdutores de animais exóticos no Brasil para seus espetáculos, a exemplo de ursos, panteras, espécimes desconhecidas, no interior do País). Várias famílias ciganas foram proprietárias de grandes circos como as famílias Wassilnovitch, Stancowich, Stevanowich (da etnia Kalderash, oriunda da Hungria e proprietária do Circo Norte-Americano), Robotini (de origem italo-romena), Orlando Orfei (da etnia sinti, subgrupo manouches italianos), Circo Nova York (da família Micalovitch), Circo Novo México (de propriedade de Ronald Evans, kalderash americano). Vários músicos brasileiros são de origem cigana como Wagner Tiso, o comediante Dedé Santana, a atriz Maria Rosa e tantos outros que preferem ocultar sua identidade e descendência cigana.

Os ciganos, segundo pesquisadores, foram os primeiros artistas conhecidos a atuarem em Minas Gerais, despertando a ira eclesiástica. Nosso conhecido D. Antonio de Guadalupe denunciou ao Santo Ofício em carta de 28-06-1727 a existência e atuação de comediantes ciganos em Vila Rica e outras partes da Capitania Mineira, que se apresen-

tavam “com grande aparato, comédias e óperas imorais em afronta aos sagrados preceitos da Santa Igreja” (apud Afonso Ávila – “O teatro em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX” Barroca, BH, vol. 9, 1977, p. 96).

A ascensão do Romantismo na Europa, em inícios do século XIX, traía o cigano como protagonista e encarnação dos ideais de liberdade, de vida livre integrados à natureza.

NOTAS

(1) Os primeiros ciganos que chegaram ao Brasil eram degradados por ordem do rei D. João V em decreto de 15-04-1718. Desembarcando em Salvador (BA), muitos deles adentraram os sertões de Minas Gerais, através do vale do rio São Francisco, espalhando-se por todo o nosso território. Outros historiadores, contudo, como A.F. Coelho, citam o ano de 1574, quando o cigano João Torres, esposa Angelina e filhos foram degradados para o Brasil, chegando a Pernambuco (“Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão” Lisboa, Ed. Dom Quixote, 1995, pp. 199-200).

O termo “cigano”, por sua vez, aparece registrado, ao que consta, pela primeira vez, na literatura portuguesa na peça “A farsa das ciganas” de Gil Vicente (1521).

Há relatos oficiais de degredo para a Bahia, por parte do Rei D. João V, (em 1718) de “diversas famílias de ciganos” com ordens de proibição do “uso de sua língua habitual”, denominada de “geringonça” ou “germanía” que sequer poderia “ser ensinada a seus filhos, de maneira que, daqui por diante, o seu uso desapareça” (Fonte: Daniel Parish Kidder – “Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Norte do Brasil”, BH/SP, Itatiaia/Edusp, 1980, p. 39). Segundo o édito real, os ciganos para aqui deportados, o seriam em caráter provisório, devendo ser transferidos para Angola.

Já em 1723, há uma ordem do governador da capitania das Minas, determinando a detenção de todo e qualquer cigano – nominados como “ladrões salteadores” – e sua transferência/recambiamento para o Rio de Janeiro, de onde teriam passado a Minas “pelo descuido que houve de algumas das praças da Marinha”.

O mito de roubos por parte dos ciganos parece ligado às invasões de povos orientais na Antiguidade, em especial mongóis, que pilhavam as regiões por onde passavam, inclusive na Europa. Como os ciganos eram oriundos do oriente, também adquiriram esta conotação predatória. Por outro lado, a crença de que roubavam crianças, deve-se, segundo estudiosos, ao hábito de ciganos, em particular os de circo, incorporar, às suas trupes, crianças pobres, enjeitadas e abandonadas. O mais provável, porém, é que o medo de desconhecidos em trânsito tenha transformado, para os europeus e posteriormente brasileiros, o povo cigano em bicho papão.

(2) Segundo pesquisadores, os ciganos no Ocidente se distinguem em três grupos: a) Grupo Rom (ou Roma), demograficamente o mais numeroso, espalhando-se por vários países, e se divide em vários subgrupos, como os Kalderash, Matchura, Lovara, Tchurara, Rudari, Horahané. Muitos deles vinculados no passado à Europa Central, Mediterrâneo e Balcãs, espalhando-se, a posteriori, pelo leste da Europa e América. Eram, pois, de origem balcânica, portanto não ibéricos, chegando ao Brasil, geralmente de forma clandestina, apresentando-se como gregos, turcos etc. O idioma romani, o maior dos grupos ciganos, tem parentesco com o hindi, uma variação do sânscrito, praticado no noroeste da Índia, atual Paquistão. Os Rom teriam abandonado a Índia no século XI, quando o sultão persa Mahmud Ghazni invadiu e dominou o norte da Índia – dali os grupos ciganos seguiram a Pérsia, Egito, Grécia, chegando assim à Europa. b) Grupo Sinti (ou Manouch) falam a língua sintó e são muito expressivos na Alemanha, Itália e França. Presentes também no Brasil, vindos dos citados países europeus, à época das migrações para nosso País, fins do séc; XIX e inícios do séc. XX; c) Grupo Calon – falam a língua caló, tendo se instalado no passado na Península Ibérica, de onde vieram para o Brasil (A. Villas-Boas da Mota – “Os ciganos do Brasil”, Correio da Unesco, ano 12, 1984, p. 32). Desconhece-se o número de ciganos espalhados pelo Brasil, não havendo nenhum estudo sistemático confiável a respeito.

(3) O nomadismo sempre foi visto preconceituosa e pejorativamente, algo questionador e transgressor do papel social e legal, e seus membros (“pés ligeiros”) tidos como desobedientes, hostis, desestabilizadores da ordem pública. Pelo fato de não ter domicílio, associados/qualificados como vagabundos, indesejáveis, promíscuos, delinquentes em potencial, sem higiene, propagadores de epidemias, desagregadores da moral familiar e cristã. “A itinerância dava ao indivíduo sentimento de autonomia e liberdade dificilmente experimentado por outras camadas livres pobres” (W. Fraga Filho – “Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX”, S. Paulo, Hucitec, 1996, p. 86).

(4) Pesquisas apontam que os ciganos, concentrados no Campo de Santana (RJ), desenvolveram um vigoroso comércio de escravos, voltado em particular para o interior de Minas Gerais, mormente após a chegada da família real (1808), época áurea para os negócios entre capitânias e a Corte. Com o declínio do escravismo, a partir de meados do século XIX, igualmente as atividades econômicas no mercado de escravos ruíram, atingindo todos os negociantes do setor, inclusive ciganos. A marginalização dos ciganos se acentuaria, igualmente, desde a Independência (1822), ante o conceito de “ser nacional”, isto é

brasileiro. Viram-se os ciganos aliados da vida social, colocados à margem da “boa sociedade” para, posteriormente, serem reprimidos com violência. (Ver box – “Principais causas da “invasão” cigana em Minas Gerais).

(5) Afirma o historiador João Dornas Filho que o próprio Tiradentes “comandou, por mais de uma vez, a tropa de assalto aos redutos desses malfiteiros prendendo e matando ciganos às dúzias” (“Os ciganos em Minas Gerais”, Revista do IHGMG, BH, ano III, vol. III, 1948, pp. 11, 12, 14). Um equívoco ou redundância do renomado autor, pois sabe-se que os bandoleiros que infestavam o Caminho Novo e Mantiqueira eram, em sua maioria, portugueses e brasileiros (com inserção de africanos), não explicitamente ciganos, embora pudessem eventualmente ocorrer a presença de alguns ciganos - ou teria Tiradentes coparticipado de um genocídio? Lembremo-nos, todavia, que se estava em franco combate a bandidos da pior laia, autores dos mais tenebrosos crimes, e tais ações repressoras, eram possíveis e expressamente autorizadas naqueles tempos, incluindo honrarias e recompensas financeiras...

O viajante Richard Burton, em sua passagem por Barbacena, faz referência a Joaquim Alves Saião, por alcunha “Cigano Beiju” como membro da Quadrilha da Mantiqueira, cujo chefe principal era o Pe. Joaquim Arruda, sacerdote, homem rico, culto e bem relacionado em toda a Província (“Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho” – BH, Itatiaia, 1976, pp. 67/68).

(6) “Logo entrou na praça a célebre dança dos ciganos que compunha de seis homens e outras tantas mulheres, vestidos todos com muita riqueza; depois tudo quanto apresentaram de ornato era veludo e ouro; precedia-os uma banda de música instrumental e sobre um estrado fronteiro às reais pessoas, executaram com muito garbo e perfeição, várias danças espanholas que mereceram universal aceitação” (Vivaldo Coroacy – Memórias da cidade do Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1955, pp. 126-143).

Tão somente, a título de curiosidade, reproduzimos o que o escritor A. F. Mello Moraes Filho ponderou – decerto acertadamente, salvo meritosas exceções – sobre a família real portuguesa, um continuum até os nossos dias, pois afinal, somos o país das capitânias hereditárias: “Do interminável séquito da família real, poucos prestavam para alguma coisa. Eram fidalgos e vadios. Aos fidalgos, mandou-se dar pensões do Tesouro. Os vadios foram empregados nas repartições que se criaram para esse fim” (“Os ciganos no Brasil e cancionero dos ciganos” BH, Itatiaia, 1981, p. 28).

(7) Os ciganos não se regem por tarefas mensuradas, cíclicas, disciplinares, rotineiras como os trabalhadores assalariados, ou seja, sob a égide do relógio, de patrão ou do conceito capitalista de que o trabalho é a única forma do homem (leia-se pobre) ter dignidade. A forma como dispunham de seu tempo, incomodava as elites que julgavam serem elas as únicas a terem e manterem a ociosidade como patrimônio e privilégio. Ao desfrutar do ócio, da vida livre, os ciganos tornavam-se maus exemplos numa sociedade escravista (Império) ou juspositivista (República), esta, aliás, a patrocinadora do trinômio “trabalho, ordem e progresso” – lema comtista, que consta parcialmente de nosso Pavilhão Nacional – reforçando-se, no período republicano, o conceito do cigano preguiçoso e que se enriquecia graças a atividades ilícitas.

Do ponto de vista religioso, sendo itinerantes, não tinham como atender as exigências ou requisitos burocráticos da Igreja, como apresentação de certidões de batismo, testemunhas, proclamas etc.

Sobre o tema “cigano” ver matérias em nosso boletim nº CLIV – julho/2020.

CIGANOS EM SÃO TIAGO - AÇÃO DAS AUTORIDADES POLICIAIS -

Carta do subdelegado e juizes de paz do distrito de São Tiago, datada de 01 de agosto de 1916, pedindo reforço de praças entre os dias 14 a 18 do mês corrente, justificando a grande aglomeração popular e, para tanto, precisavam de mais segurança para evitar desordens de ciganos que se achavam próximos à região. Eis trecho do ofício (grafia da época):

“Tendo aqui neste lugar grande reunião de povo, do dia 4 ao dia 18 do corrente mez e, nessa ocasião, esperamos grandes reuniões de comitivas de ciganos, os quaes tem anunciado muito neste districto, pedimos a V. Ex^a nos mandar, para aqui, no dia 14 do mez alludido, duas praças para a manutenção da ordem e segurança das autoridades”.

(APM POL – Fontes Arquivísticas – doc. 96, série 9, operações policiais – Cx. 18, 27 pacotes - Bom Sucesso 1913-1916).

“O delegado de polícia em exercício de São Tiago, José Hemetério Mendes, solicitou ao chefe de polícia do Estado de Minas Gerais, auxílio para manter a tranquilidade pública na realização de uma atividade que concentraria um número grande de pessoas no distrito. A força de segurança local temia a ocorrência de desordem urbana decorrente da junção de aglomerado populacional, autoridades e ciganos”.

(CassiLadi Reis Coutinho – “Os ciganos nos registros policiais mineiros 1907-1920” Brasília, UnB, pp. 68, 69, 223).

“Na solicitação, observamos ser possível a participação de ciganos na chamada “reunião do povo”, o que gera insegurança. A possibilidade da presença dos chamados “perturbadores da ordem” aparece como justificativa para a solicitação de reforço, visando aumentar o insuficiente contingente policial do distrito para assegurar a segurança e

a manutenção da ordem. Nos frequentes telegramas e ocorrências enviados, as autoridades locais comunicavam ao chefe de polícia do Estado as medidas adotadas para controlar, expulsar e conter a presença de ciganos nas regiões. A constante presença dos ciganos no interior de Minas Gerais comprova que o Estado fazia parte de uma rota de viagem dos ciganos, seja pelas relações econômicas, sociais ou políticas”.

(CassiLadi Reis Coutinho – “Os deslocamentos ciganos pelas regiões de Minas Gerais” - Revista Altera de Antropologia, João Pessoa, v.2, nº 7, julho/dezembro 2018, pp. 190 e 208).

PRINCIPAIS CAUSAS DA 'INVASÃO' CIGANA EM MINAS GERAIS

1. Fim da escravatura – os ciganos perderiam sua principal atividade e condição econômica, o comércio negreiro de escravos. Assim, bandos de ciganos, até então estabelecidos no Rio de Janeiro, adentraram o território mineiro, em particular a zona da Mata e Mantiqueira. Não só ciganos, contudo, dedicavam-se ao comércio ilegal de escravos, mas também militares, autoridades e até mesmo escravos mais ladinos e ousados.

2. Crise acentuada da lavoura canavieira no Nordeste – o que levaria ao êxodo de pessoas pobres, incluindo os ciganos, que, no intuito de sobrevivência, buscaram o Centro-Sul do País, em especial Minas Gerais. A maioria dos ciganos nordestinos eram caldeireiros, que, nos engenhos de açúcar nordestinos, trabalhavam no conserto de peças e objetos de latão e cobre, atividade que buscaram desempenhar em Minas. Dentre os imigrantes europeus que chegaram ao Brasil, a partir de 1870 – alemães, russos, italianos etc. – havia de centenas de ciganos Rom (não ibéricos) de cultura diferente dos ciganos calon (ibéricos), aqui presentes desde o século XVIII, já familiarizados com os padrões brasileiros.

3. Os ciganos seriam igualmente, vítimas da chamada “identidade nacional”, com a configuração de raça-padrão, tentativa racista-eugenista promovida, por alguns setores da sociedade, de discriminar raças não-brancas. Os ciganos, dessa forma, eram vistos como raça degenerada, inferior, indesejável, tais quais os indígenas, negros, enquadrados pelas autoridades como horda, malta, escória de preguiçosos, inspirando/motivando as sucessivas perseguições policiais. Buscaram, pois, espalhar-se pelo interior, minimizando-se riscos diretos. Na Europa, após o advento do nazismo, seriam terrivelmente perseguidos, levados aos pelotões de fuzilamentos e aos campos de extermínio em massa.

4. Acrescer-se-ia a isso, com o advento da medicina social, a política higienista que passou, a associar os ciganos com a baixa rale e assim julgados sujos, vagabundos, um incômodo para as normas sanitárias, impostas principalmente no Rio de Janeiro, que deveria ser vista como modelo de cidade organizada, reurbanizada. A República positivista, dentro do discurso racionalizado, purista, passou a perseguir igualmente as manifestações da cultura popular – no caso cigano, a quiromancia – vistas como superstição e assim taxada como contravenção penal. Dessa forma, seriam escorraçados das grandes cidades por agentes sanitários e policiais...

O eugenismo provocaria fortes transformações, sobretudo junto às camadas mais altas, no tocante a vestimentas, artigos de moda, criando-se um conjunto de normas e condutas individual e social, condizente com as preceituações de higiene. O pesquisador Jurandir Freire da Costa denominou tal postura ou conduta como uma “terapêutica e profilaxia do vestuário”, uma adequação pelas famílias, dentro do nível social e moda, aos trajes mais compatíveis com a idade, sexo, clima, o que demandaria maior consumo e diversificação de artigos de vestuário. (“Ordem médica e norma familiar” RJ, Ed. Graal, 1989, p. 130) Com isso, ficariam bastante diferenciadas as famílias da elite em relação às famílias pobres – brancas, negras ou ainda ciganos.



CIGANOS E OUTROS – OCORRÊNCIAS POLICIAIS EM CIDADES DE NOSSA REGIÃO.

MORRO DO FERRO - Documento n. 97 – Chefia de Polícia - Série 9 (Operações Policiais).

Pol 9, Cx. 18, PC 28 – Carta enviada pelo subdelegado de São João Batista (Morro do Ferro) datada de 03-10-1918, dirigida ao chefe de Polícia do Estado sobre desavenças entre o turco Francisco José, que se utilizava de jagunços e capangas para a sua segurança e o Cel. José Machado. Solicitava reforço para a manutenção da ordem pública.

NR – O distrito de Morro de Ferro, então denominado São João Batista, pertenceu ao município de Bom Sucesso até 1923.

OLIVEIRA - Documento n. 146 – Chefia de Polícia – Série 9 (Operações Policiais)

Pol 9, Cx. 34, PC 27 – Carta do delegado de polícia regional da cidade de Oliveira, datada de 22-02-1918, descrevendo diligências para a captura do assassino do turco Jorge José Ray.

ENTRE-RIOS DE MINAS - Documento n. 30 – Chefia de Polícia – série 8 – (Ocorrências Policiais)

POL 8, Cx. 33, PC 04 – Carta enviada pelo delegado da região de Entre Rios de Minas, datada de 28 de abril de 1914, dirigida ao chefe de polícia do Estado, solicitando envio de praças com o objetivo de conter quadrilhas de ladrões de animais que estavam criando desordens na região

Documento n. 31 – Chefia de Polícia – Série 8 (Ocorrências Policiais)

POL 8, Cx. 33, PC 38 – Carta datada de 08 de julho de 1914, do delegado de Entre-Rios de Minas descrevendo diligência para prisão de ladrões de animais que estavam rodeando as fazendas do município, tendo a ação policial culminado em confrontos entre os praças e os suspeitos.

Documento n. 32 – Chefia de Polícia – Série 8 (Ocorrências Policiais)

POL 8, Cx. 33, PC 38 – carta do delegado de Entre Rios de Minas, datada de 24 de julho de 1914, descrevendo, em detalhes, a diligência para captura dos suspeitos de serem ladrões de animais, após o questionamento do chefe de polícia do Estado.

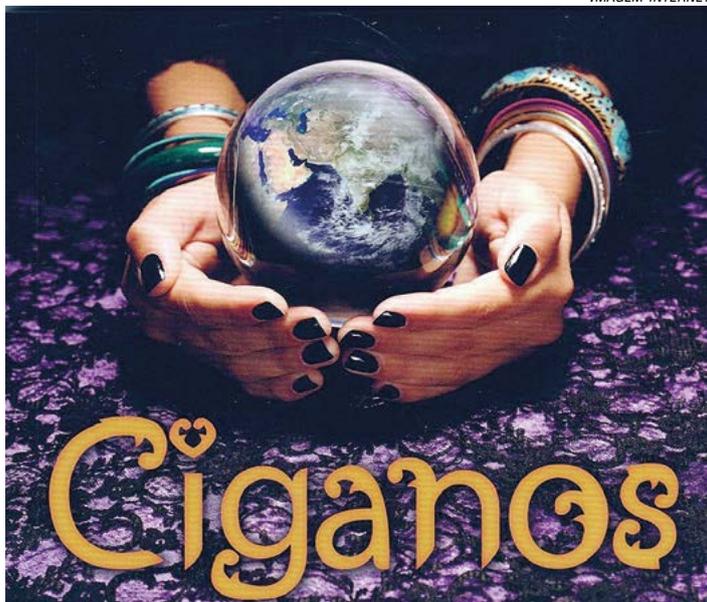
ITAPECERICA - Invasão de ciganos em Itapeçerica – Nos últimos dias do mês de janeiro do corrente ano, foi aquele município invadido por uma horda de ciganos que, além de se entregarem a toda sorte de depredações, aterrorizaram a população da cidade com a ameaça de um ataque. Sendo isso trazido ao meu conhecimento pelas autoridades policial e judiciária da comarca, ele providenciou incontinenti, fazendo reforçar o destacamento local.

A 1º de fevereiro deu-se um encontro entre os aludidos ciganos e a força policial, resultando a morte do soldado Theodoro Martins, ficando um outro gravemente ferido. O alferes Emilio Guimarães, então delegado em comissão naquele município, conseguiu rechacá-los, produzindo-lhes várias perdas e apreendendo bagagens e animais que lhes pertenciam (Fonte: Relatório do chefe de polícia do Estado de Minas Gerais – Aureliano Moreira Magalhães - 1899, p. 248)

FORMIGA - Movimento de força – Cresce dia para dia o movimento de força que constantemente segue para diversos pontos do Estado, a fim de atender a ordem pública alterada. Como em anos anteriores, não deixaram de ser vitimadas em diligência contra os ciganos, que com intermitências assolam diversos pontos do Estado, cometendo depredações em algumas praças.

É assim que ultimamente em diligência no município de Formiga, foram vitimadas 2 praças da força que perseguia os mesmos, ficando outras inutilizadas em consequência de ferimentos recebidos. (Fonte: Relatório da Brigada Policial do Estado – Coronel Comandante Felipe José Correa de Mello – 1899, p. 308).

IMAGEM INTERNET



Ciganos

O CIGANO NA LITERATURA, NA POLÍTICA – ALGUNS EXEMPLOS

- Capitu tinha olhos de cigana oblíqua e dissimulada (romance Dom Casmurro – Machado de Assis)
- No conto “A Cartomante” (M. de Assis) encontramos traços pertinentes à cultura e tradições ciganas
- O escritor Guimarães Rosa viveu algum tempo entre ciganos, conhecendo-lhes os hábitos, a exemplo do constante no conto “Corpo fechado” (livro Sagarana)
- Textos de Laurindo Rabello (1826-1864), médico e poeta de origem cigana
- “...ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe também dado na cabeça tomar fortuna e tinha isso por causa das contrariedades que sofria em uns novos amores, que lhe faziam agora andar a cabeça à roda. Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascera outro (...) O homem era romântico, como se diz hoje, e babão como se dizia naquele tempo, não podia passar sem uma paixãozinha...” (Manuel Antonio de Almeida – “Memórias de um Sargento de Milícias”)
- Retrato imagem interior de uma casa cigana – Debret
- Quadro La Copla – Manuel Cabral Bejarano
- “Eu durmo e vivo ao sol como um cigano” Poema “Vagabundo” Alvares de Azevedo
- Martins Pena – peça “O Cigano”
- Vários compositores clássicos e populares de renome trataram o tema “cigano” em suas composições (“Arias Ciganas” Pablo de Sarasate)
- Segundo biógrafos, embora não conste de livros didáticos, o presidente Juscelino Kubitschek era descendente de ciganos. Seu avô, Jan Nepomuschy Kubitschek era um “imigrante vindo da Boêmia, então parte do Império Austro-Húngaro, que deve ter entrado no Brasil por volta de 1830-1835, casando-se, pouco depois, com uma brasileira, Teresa Maria de Jesus” Seria Jan Kubitschek o primeiro cigano da etnia Rom a se instalar em território mineiro, trabalhando como marceneiro no Serro e em Diamantina, onde era conhecido pela alcunha de “João Alemão”. Sua filha Júlia Kubitschek viria a ser mãe de Juscelino (JK), presidente do Brasil no período de 1956-1960 (Fonte: Norma de Góes Monteiro “Dicionário biográfico de Minas Gerais, período republicano 1889-1991, vol. 2, ALEM, 1994, pp. 325-477).

O CIGANO NA VISÃO DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

“Alguns deles dedicam-se ao comércio e muitos são extremamente ricos, mas ainda são considerados ladrões e trapaceiros e chamar um homem zíngaro (cigano) equivale a chamá-lo de velhaco” (Mary Graham – “Diário de viagem ao Brasil e de um estada nesse País durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823” S. Paulo, Comp. Editora Nacional, 1956, p. 286).

O CIGANO NA VISÃO DE ESCRITORES DE NOSSA REGIÃO

1. “Às vezes, por ocasião das festas religiosas, costumavam aparecer em nosso arraial os parques de canoinhas, as touradas e os circos.

Estes, sobretudo, traziam sempre grande alegria, com seus palhaços e trapezistas, com seus animais e domadores, com seus malabaristas e mágicos, com suas lindas garotas acrobáticas.

Em outras ocasiões, surgiam e se acampavam, por longas temporadas, os ciganos, peritos em tirar a sorte e os pertences alheios. Negociavam animais, doiravam objetos, vendiam tachos, hábeis sempre em passar mantas nos seus incautos fregueses. A última vez que estiveram os ciganos em Conceição da Barra foi em 1986, quando realizaram negócios “da China” com os moradores do lugar. Primeiramente criaram um clima de confiança na população e de honestidade em suas transações. Destarte, esperteza de cá, safadeza de lá, conseguiram envolver muita gente em grandes transações sobretudo com negócios de carros. Mergulhados até o pescoço em dívidas exorbitantes, num certo dia, na calada da noite, puseram-se em retirada, desaparecendo do mapa. Na manhã seguinte, a cidade acordou abobalhada, diante dos acampamentos vazios, lamentando cada qual o seu prejuízo.” (Antonio Gaio Sobrinho - “Memórias de Conceição da Barra de Minas” 1990, p. 158).

2. “Bandos de ciganos perambulavam por todo o Brasil e, de vez em quando, acampavam também na periferia de nossa vila e se punham a vender tachos, alambiques e outros utensílios de cobre, os quais confeccionavam com muita arte, já que alguns bandos eram peritos na modelagem metalúrgica do cobre. As mulheres, sempre belas e vestidas com coloridas saias compridas, muito rodadas, perambulavam pelas ruas, furtando tudo que pudessem esconder sob suas longas vestes. Elas se ofereciam para “tirar a sorte” de quem lhes pagasse para tanto. Nunca diziam “ler a sorte”, mas sempre se propunham a “tirar a sorte” E “tiravam” mesmo dos mais incautos.

Outros bandos que apareciam por cá se dedicavam à compra e venda de equinos, atividade em que eram hábeis. Nas operações de compra, venda e barganha, nunca levavam desvantagem porque eram capazes de fazer verdadeiras maquiagens, disfarçando sérios defeitos de seus animais. Falavam um idioma que só eles entendiam e não o ensinavam a ninguém que não fosse cigano. Tratavam todos que não fossem do bando pelo nome de “ganjão”. E os ganjões eram sempre suas vítimas em qualquer negócio. As mulheres desses bandos não diferiam daquelas dos fazedores de tachos: perambulavam da mesma forma pelas ruas, praticando pequenos furtos e “tirando” a sorte.

Esses ciganos eram muito dados a embebedar-se nas vendas da vila e uma vez embriagados tornavam-se de todo inconvenientes, briguentos e desrespeitadores de toda e qualquer mulher que não fosse cigana. E foi em consequência de uma dessas bebedeiras que um cigano “deu uma cantada” em uma senhora moradora da Lage. Foi o quanto bastou para que homens da vila e ciganos se engalinhasssem em uma terrível luta, braço a braço. Afinal, os dois grupos de brigentos foram separados e os ciganos montaram em seus cavalos e foram para o arrabalde do Tejuco, onde estavam acampados.

Poucos dias depois, um grupo de cidadãos do lugar armou uma cilada para o cigano desrespeitador de mulheres e, quando este passava, no caminho do Tejuco, entre seu acampamento e a Terra Caída, hoje a rua Entre-Rios de Minas, atacaram-no e o esfaquearam, matando-o depois de o terem espancado com violência. O corpo fora deixado no local em que fora praticado o violento homicídio.

A comunidade se pôs em estado de alerta porque seus habitantes entraram em pânico e temiam, naturalmente, que os ciganos os atacassem para vingar a morte do componente de seu bando. Mas estes, inexplicavelmente, preferiram levantar acampamento e, pela madrugada, se puseram a caminho e tomaram rumo ignorado. O corpo foi sepultado no cemitério paroquial na área destinada ao sepultamento de indigentes, que então existia.

Soube-se, contudo, que o autor da morte do cigano atrevido, aquele que o sangrara, não era outro senão o Bernardino, marido da queridíssima Dona Rita e pai da Efigeninha. Bernardino era o piedoso sacristão da paróquia local. Foi enorme o espanto que acometeu a comunidade diante desse fato. Bernardino caiu em profunda depressão e morreu pouco tempo depois (...).

Desse homicídio, que abalou a comunidade, restou um bordão que era muito usado pelos Melos, nossos parentes, todos seleiros e que tinham se mudado para Resende Costa, vindos da cidade de Pratos. Quando um Melo amolava suas sempre afiadas facas e conseguia atingir o fio certo da perigosa ferramenta, dizia, olhando o fio da lâmina: “eta ferro que matou cigano no caminho do Tejuco” numa clara referência ao fato de que o cigano fora sangrado por um golpe desferido com uma faca de seleiro, o que nos leva à conclusão de que entre os assassinos estava algum seleiro da família Melo, dono da faca” (Stela Vale Lara/Alair Coelho de Resende – “Resende Costa, a flor das Verbetes” ALSJDR, 2019, pp. 68/69).

7 COISAS INCRÍVEIS QUE VOCÊ SÓ VÊ EM SÃO JOÃO DEL-REI:

Najla Passos

São João del-Rei é uma cidade bela e acolhedora que encanta os visitantes pela hospitalidade, pela culinária, pela religiosidade, pelo respeito à memória e à história... e por várias outras curiosidades que fazem dela uma cidade ímpar.

O Notícias Gerais listou 7 delas aqui. Confira:

1 – PASSEIO DE MARIA FUMAÇA ATÉ TIRADENTES!

IMAGEM: NAJLA PASSOS



A saída da Estação Ferroviária de São João del-Rei é um ponto alto do passeio.

É mesmo de dar orgulho: só quem mora ou visita São João del-Rei pode passear pela vizinha Tiradentes usando como meio de transporte a Maria Fumaça mais antiga em circulação no país, pelos trilhos inaugurados em 1881 por D. Pedro II. A viagem bucólica percorre 13 quilômetros da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas, cortando o Rio das Mortes e ladeando a estonteante Serra de São José, em Tiradentes.

2 – SINOS QUE FALAM...



"O sineiro é o repórter da cidade", afirma José Luís, no documentário "O Toque dos Sinos em Minas Gerais", produzido pelo IPHAN.

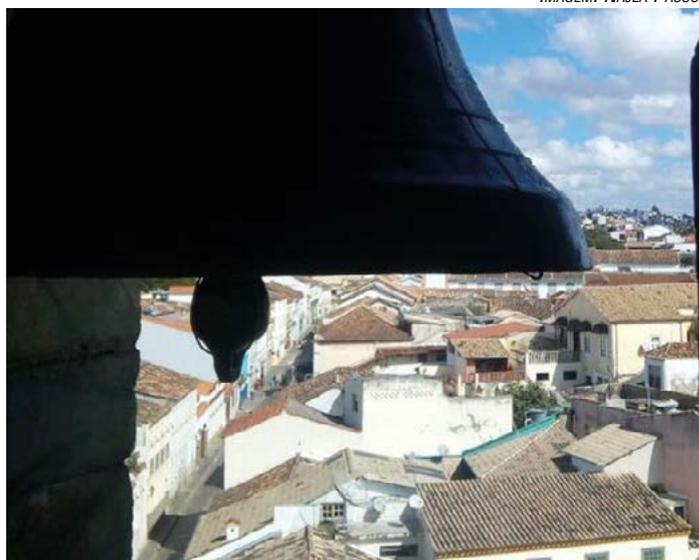
A tradição de usar os sinos como meio de comunicação entre a igreja católica e seus fiéis foi trazida ao Brasil pelos portugueses e se espalhou pelas cidades históricas mineiras. Mas foi

em São João del-Rei que encontrou seu ponto alto. São mais de 40 batidas diferentes catalogadas, que rendem à cidade o título de "terra onde os sinos falam" e que foram decisivas para que a tradição mineira fosse tombada como Patrimônio Imaterial.

E tem mais: como os toques foram criados, em grande parte, por escravos e descendentes, eles têm uma forte pegada afro, que contrasta com a religiosidade católica, dominante na cidade!

3 – SINOS QUE TÊM NOME, SÃO BATIZADOS... E ATÉ RESPONDEM JUDICIALMENTE POR SEUS CRIMES

IMAGEM: NAJLA PASSOS



Vista da torre da Igreja do Carmo, que abriga o Museu dos Sinos de São João del-Rei.

Conceição vive na torre da Igreja São Francisco de Assis. João da Cruz, na da Igreja do Carmo. Lourdes e Catarina, nas da Igreja do Rosário. Em São João del-Rei, os sinos são batizados com nomes católicos antes de começarem a falar com a população da cidade. E batizados literalmente, com direito a padre, água benta e cerimônia religiosa!

Reza a lenda urbana que, no final da década de 1930, ouve um deles que foi até preso, julgado e condenado por homicídio. Trata-se do sino Jerônimo, da São Francisco de Assis. Quando a procissão do Domingos de Ramos chegou à igreja e suas badaladas não foram ouvidas, todos suspeitaram que algo estava errado. Subiram até a torre e encontraram o sineiro morto, caído no chão. Ele havia bebido demais na noite anterior e não conseguiu desviar do badalo de Jerônimo, que o atingiu na cabeça. O sino então foi preso, julgado e condenado ao derretimento.

4 – BECO QUE LIGA A IGREJA À ZONA BOÊMIA

A chamada Rua da Cachaça, no centro histórico, abriga hoje restaurantes, bares, pousadas, centros culturais e até uma disputada feira de arte e artesanato mensal. Mas durante décadas e décadas, foi o que os mineiros chamam de "zona de baixo meretrício", ou seja, o local que concentrava as casas de prostituição da cidade.

O curioso é que um endereço tão profano seja ligado à Igreja do Rosário por um beco, bastante discreto. Contam as más línguas que o corredor servia para o escape dos homens de família que, após

IMAGEM: NAJLA PASSOS



O beco que liga a saída lateral da Igreja do Rosário à antiga “zona de baixo meretrício” hoje encontra-se fechado por grades colocadas pelos atuais moradores.

deixarem suas esposas na igreja, fugiam para a zona. A festa só se encerrava com o final das missas, quando eles retornavam ao templo religioso como se dali nunca tivessem saído...

5 – MÃO INGLESA

IMAGEM: NAJLA PASSOS



Para quem desce ao lado da Estação, menos mal. O problema maior é para quem sobe em direção ao centro histórico: a placa que alerta sobre a mão invertida também está invertida!

São João del-Rei não fica no Reino Unido, mas também usa a famosa mão inglesa para garantir o fluxo do trânsito no centro histórico. E como é só na ponte da Rua José Leite de Andrade, costuma causar estranhamento. Para quem desce ao lado da Estação Ferroviária, menos mal. A placa está um pouco apagada, mas está lá para informar aos forasteiros e lembrar os desavisados. Agora, para quem sobe em relação ao centro histórico, o sufoco é grande: além de apagada, a placa está de ponta cabeça. Isso mesmo: placa invertida para alertar sobre mão invertida. É mole?

6 – MÃO E CONTRAMÃO QUE SE CRUZAM NO MEIO DA VIA



Na Rua Manoel Anselmo, quase chegando ao Largo do Tamarandaré, mão e contramão se cruzam no meio da via, os carros trocam de lado. Os forasteiros podem até apostar que aquilo vai acabar em acidente, mas os são-joanenses lidam com aquela loucura toda com a maior naturalidade. É a sabedoria de um povo que se acostumou a fazer milagre para manter intacto o seu centro histórico de ruas seculares!

7 – A IRRESISTÍVEL CIGARRETE DE QUEIJO MINAS!

IMAGEM: NAJLA PASSOS



A original cigarrete são-joanense é feita só com queijo minas: fica delicioso.

São João del-Rei disputa com Juiz de Fora a paternidade de um salgadinho maravilhoso que só existe na região: a cigarrete. E ainda desdenha da outra cidade, que usa presunto e mussarela na receita. São-joanense de verdade defende que a original cigarrete mineira deve ser feita só com queijo minas. E, de fato, o quitute fica dos deuses!

A história do primeiro presépio de Natal 1223 - 2023 - 800 anos

O significado do presépio está associado à representação do nascimento de Jesus Cristo. O costume inicialmente italiano, de montar o presépio em casa durante o período do Natal, é hoje difundido em todos os países católicos do mundo.

A tradição diz que Jesus nasceu em uma manjedoura, conforme é mencionado em Lucas 2:7. Além de Jesus, Maria e José, fazem parte do presépio outras figuras, como animais e pastores que muitas vezes têm algumas ovelhas com eles (Lucas 2:16) e os três sábios do oriente (Mateus 3:11).



Cena da Natividade Imagem: Reprodução

A primeira reconstrução do presépio é atribuída a São Francisco, no pequeno município de Greccio, província de Rieti, na região do Lazio, na Itália.

Francisco nasceu em Assis, na região da Umbria, no ano de 1181, no seio de uma rica família de mercadores de tecidos. Depois de jovem e imprudente, em 1205 converteu-se profundamente à mensagem de Cristo, ao decidir renunciar a todos os bens materiais e despir-se de suas roupas, na frente de seu pai, Pietro Bernardone, e de uma pequena multidão.



La Natività, Pietro Perugino (1497-1500)

Junto com outros jovens, ele passou a usar um hábito de saco amarrado na cintura por uma corda, como os mendigos. Assim foi formada a ordem dos Frades menores.

A mensagem do frade Francisco é alegre e envolve também a natureza e os animais. De fato, o amor à criação o leva a compor o "Cântico das criaturas". Francisco vivia em frequentes jejuns, quase cego e com estigmas, nos pés e nas mãos, foi um homem que soube mudar o curso da história, com o amor que conduziu a Cristo.



O sermão aos pássaros, Giotto di Bondone (1297-1299)

Em 1210, o Papa Inocêncio III aprovou a regra e, em 1212, a jovem Clara, sua fiel amiga, fundou o ramo das Clarissas. Francisco morreu em 3 de outubro de 1226, aos 45 anos de idade, e dois anos depois foi canonizado pelo Papa Gregório IX. Ele está sepultado em Assis, na basílica a ele dedicada, onde é venerado como o padroeiro da Itália.

O frade católico medieval da Ordem dos Franciscanos, Tommaso da Celano (1185-1260), biógrafo de São Francisco de Assis, conta que o santo, um dia, à mesa, ouvindo um frade que recordava a extrema pobreza de Nossa Senhora e de seu Filho no estábulo de Belém, levantou-se e foi terminar a refeição na terra nua para homenagear "a pobreza real" de Maria e Jesus.

São Francisco desejava que todos os crentes no Natal se alegrassem no Senhor e dizia: "Se eu pudesse falar ao imperador, gostaria de pedir-lhe

que desse uma ordem geral, a todos aqueles que podem espalhar trigo e grãos nas ruas no dia de Natal, para que nesse dia de tamanha solenidade os pássaros tivessem tanto alimento, em abundância...".

COMO EM BELÉM

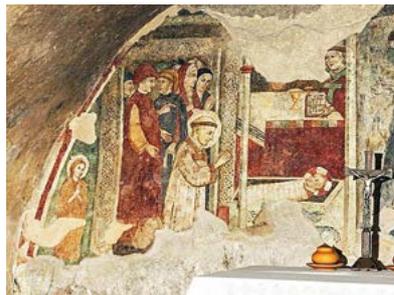
São Francisco tinha estado na Terra Santa e guardou muitas lembranças daquele lugar. Duas semanas antes do Natal de 1223, ele mandou buscar seu amigo Giovanni Velita, senhor de Greccio, na região de Rieti, que possuía uma alta montanha, toda perfurada por cavernas e coroada por bosques.

Parecia a Francisco que aquele lugar era adequado para a realização de um projeto particular que ele tinha em mente há algum tempo.

O santo dirigiu-se assim ao seu rico amigo: "Messer Giovanni, se queres me ajudar, podemos celebrar este ano, o mais lindo Natal que alguma vez se viu... Num dos teus bosques, à volta da ermida de Greccio, existe uma gruta semelhante à de Belém. Eu gostaria de retratar a cena do Natal vividamente, e ver com os olhos do corpo a pobreza com que o Menino Jesus veio ao mundo, e como ele foi deitado em um presépio e como ele se deitou entre o boi e o burro".

Na noite daquele Natal, os fazendeiros locais juntaram-se aos frades, carregando tochas e velas para iluminar a noite. Todos caminharam em direção à caverna. Nela havia um presépio de palha e, por cima, uma pedra para celebrar a Eucaristia. Quando Jesus estava presente sob os véus eucarísticos, Messire Giovanni Velita teve a impressão de vê-lo vivo no presépio, adormecido. O berço que estava vazio até aquele momento, tinha sua flor de carne.

Portanto, devemos a São Francisco, em 1233, pela criação do primeiro presépio da história que, desde o início, difundido graças aos missionários franciscanos, se tornou uma expressão típica da espiritualidade católica do Natal.



Afresco na gruta do santuário de Greccio



São Francisco e a renúncia dos bens mundanos, Giotto di Bondone (1295)



São Francisco com os animais, Lambert de Hondt (XVII séc.)



Greccio, na Província de Rieti, na Itália



A Redação do Boletim
Sabores & Saberes
deseja a todos os
leitores um
abençoado Natal e
um próspero e
abençoado Ano Novo.

